



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

**GRACIETE FREITAS COSTA  
MARIA ELIZABETE RAMOS DA CONCEIÇÃO**

**O CRESCIMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NOS ANOS DE 2017 E 2018 E OS  
ENFRENTAMENTOS MOBILIZADOS NA SOCIEDADE MACAPAENSE**

**MACAPA-AP  
2020**

**GRACIETE FREITAS COSTA  
MARIA ELIZABETE RAMOS DA CONCEIÇÃO**

**O CRESCIMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NOS ANOS DE 2017 E 2018 E OS  
ENFRENTAMENTOS MOBILIZADOS NA SOCIEDADE MACAPAENSE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a  
Universidade Federal do Amapá, como requisito  
para obtenção do grau de Licenciatura em  
Sociologia.

Orientador(a) Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Iraci de Carvalho Barroso

**MACAPA-AP  
2020**

GRACIETE FREITAS COSTA  
MARIA ELIZABETE RAMOS DA CONCEIÇÃO

O CRESCIMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NOS ANOS DE 2017 E 2018 E OS  
ENFRENTAMENTOS MOBILIZADOS NA SOCIEDADE MACAPAENSE

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Iraci de Carvalho Barroso – UNIFAP

---

Examinador (a): Prof. Dr. David Junior de Souza Silva – UNIFAP

---

Examinador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Glauca Maria Barbosa Tinoco – UNIFAP

Dedicamos esse trabalho a todos que buscam a igualdade de gênero na sociedade e lutam pelo fim da violência doméstica e contra mulher, acreditando nas mudanças sociais e na paz pelas mulheres numa sociedade sem violência.

## AGRADECIMENTO

A Deus, que foi o alicerce da nossa força nos dias difíceis e da nossa coragem de ter chegado até aqui para fazer acontecer a nossa formação.

Aos nossos professores mestres e doutores que, contribuíram com o seu saber para o nosso conhecimento durante nossa trajetória no campus desta universidade, nos anos em que estivemos aqui, os quais guardaremos com carinho em nossa memória.

As mulheres vítimas de violência doméstica da cidade de Macapá, que contribuíram para a construção deste trabalho.

“A ferida sara, ossos quebrados se recuperam, o sangue seca, mas a perda da auto - estima, o sentimento de menos valia, a depressão, essas são feridas que não cicatrizam”

(Maria Berenice Dias)

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender o crescimento da violência doméstica na cidade de Macapá, e os enfrentamentos mobilizados pelas instituições que estão a frente da luta pelo combate a esta violência. Buscar entender porque muitas mulheres com informações dos seus direitos e a proteção da lei Maria da Penha, continuam se rendendo a violência praticada por seus parceiros. A análise da pesquisa é fundamentada em estudos sociológicos de autores que contribuíram para a compreensão da violência doméstica como um problema social que assola mulheres como seres humanos, desde os antepassados até os dias atuais. Muitas lutas vêm acontecendo ao longo da história para romper barreiras, contra a dominação, o preconceito e a desigualdade numa sociedade culturalmente patriarcal. Para realização e contextualização do tema foi adotado o método qualitativo, que possibilitou a aproximação e entrevistas com mulheres vítimas, gestores e agentes sociais que acompanham ou acompanharam mulheres, que sofreram ou que ainda sofrem violência doméstica. A partir da análise da pesquisa, os resultados apontaram que a violência doméstica cresce num ritmo acelerado mesmo diante dos muitos enfrentamentos criados através de projetos e campanhas. Nesse sentido, a pesquisa mostra que as consequências ocorrem em inúmeras situações como, lesão corporal, depressão, dores de cabeça, mal-estar, baixa auto-estima, feminicídio e até mesmo o suicídio. Concluiu-se que muitas medidas são tomadas para conter e coibir esta violência, mas muito ainda necessita ser feito para mudar o cenário da desigualdade social e discriminação entre homens e mulheres. Esta problemática carece de um rigor maior da lei que ampara mulheres vítimas, de mais políticas públicas por parte do Estado e da união de todas as classes sociais com propósito de consciência e luta, pelas mulheres com direitos e deveres numa sociedade sem violência.

**Palavras – chave:** violência doméstica, enfrentamentos, políticas públicas, dominação do agressor.

## **ABSTRACT**

This study aims to understand the growth of domestic violence in the city of Macapá, and the confrontations mobilized by the institutions that are at the forefront of the fight to combat this violence. Seek to understand why many women with information on their rights and the protection of the Maria da Penha law, continue to surrender to the violence practiced by their partners. The analysis of the research is based on sociological studies of authors who contributed to the understanding of domestic violence as a social problem that plagues women as human beings, from the ancestors to the present day. Many struggles take place throughout history to break down barriers, against domination, prejudice and inequality in culturally patriarchal society. To perform and contextualize the theme, the qualitative method was adopted, which allowed the approximation and interviews with women victims, managers and social agents who accompany or accompany women, who suffered or still suffer domestic violence. From the analysis of the research, the results showed that domestic violence grows at an accelerated pace even in the face of the many confrontations created through projects and campaigns. In this sense, research shows that the consequences occur in numerous situations such as bodily injury, depression, headaches, malaise, low high esteem, feminicide and even suicide. It was concluded that many measures are taken to contain and curb this violence, but much still needs to be done to change the scenario of social inequality and discrimination between men and women. This problem lacks a greater rigor of the law that support skilled women, more public policies by the State and the union of all social classes for the purpose of conscience and struggle, for women with rights and duties society without violence.

Keywords: domestic violence, coping, public policies, domination of the aggressor

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> - Fátima Diniz primeira vítima de feminicídio no Amapá	34
<b>FIGURA 2</b> - Delegacia de crimes contra mulheres em Macapá	35
<b>FIGURA 3</b> - Centro de referência de atendimento à mulher	36
<b>FIGURA 4</b> - Centro de atendimento à mulher e a família	38
<b>FIGURA 5</b> - Secretaria extraordinária de políticas para mulheres	39
<b>FIGURA 6</b> - Promotoria de justiça de defesa da mulher	41
<b>FIGURA 7</b> - Aplicativo SOS mulher	42
<b>FIGURA 8</b> - Palestra educativa do projeto namoro sem violência na quadra escola pública Dom Pedro	43
<b>FIGURA 9</b> - Palestra do Projeto Namoro Sem Violência no auditório do Instituto Federal do Amapá	44
<b>FIGURA 10</b> - Palestra do projeto papo de homem quebrando paradigmas no auditório do ministério público de Macapá	46
<b>FIGURA 11</b> - Manifestação verão sem violência	48
<b>FIGURA 12</b> - Feira mulheres criativas	49
<b>FIGURA 13</b> - Marcha das mulheres na zona norte de Macapá	50
<b>FIGURA 14</b> - Outdoor em frente ao Tribunal de Justiça do Amapá, pela conscientização do fim da violência contra mulher	58
<b>FIGURA 15</b> - Faixas na rua em forma de Conscientização pelo fim da violência	59

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b> - Dados de registro da DCCM	60
<b>QUADRO 2</b> - Dados de registro do CIODES	61
<b>QUADRO 3</b> - Dados de registro da DEFENAP, de medidas protetivas e casos que são judicializados	63
<b>QUADRO 4</b> - Mulheres que Contribuíram com Depoimentos	66

## **LISTA DE SIGLAS**

**CAFD** - Casa de apoio Fatima Diniz

**CRAM** - Centro de Referência de Atendimento à Mulher

**CAMUF** - Centro de Atendimento a Mulher e a Família

**CICODES** - Centro de Integração de Operações de Defesa Social

**DEAMs** - Delegacias Especializadas a Mulheres

**DECCM** - Delegacia de Crime Contra Mulher

**DEFENAP** - Defensoria Pública do Amapá

**RAM** - Rede de atendimento a mulher

**SEPM** - Secretaria Extraordinária de Políticas para Mulheres

**SICAVID** - Sistema de Cadastro de Casos de violência Contra Mulher

**TJAP** - Tribunal de Justiça do Amapá

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NUMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA....</b>	<b>15</b>
2.1 Compreensão da Violência na Sociedade.....	15
2.2 Contexto da Violência Contra Mulher.....	21
2.3 A Violência Contra Mulher na Sociedade Patriarcal.....	23
<b>3 OS ENFRENTAMENTOS MOBILIZADOS PELA REDE DE ACOLHIMENTO AS MULHERES VITIMAS DE VIOLÊNCIA.....</b>	<b>32</b>
3.1 Rede de Enfrentamento a Violência Doméstica.....	32
3.2 Os Projetos e Campanhas.....	41
3.3 Manifestações dos Enfrentamentos.....	47
3.4 As Possíveis Falhas no Enfrentamento a Violência Doméstica.....	51
<b>4 O CRESCIMENTO DA VIOLENCIA EM MACAPÁ EM 2017/ 2018.....</b>	<b>57</b>
4.1 O Crescimento Ilimitado da Violência.....	57
4.2 Os Tipos de Violência Doméstica mais Sofrida Pelas Mulheres e a Dominação do Agressor.....	65
4.3 As Causas e Consequências da violência sofrida pelas mulheres .....	76
4.4 As Reincidências da Violência Doméstica.....	79
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A violência doméstica tornou-se uma das formas mais comuns entre outros tipos de violência no mundo inteiro, em Macapá a presença deste fenômeno considerado um problema social, tem se apresentado com um índice alarmante dessa prática, necessitando de um olhar mais expressivo e significativo no combate e prevenção. Diante deste cenário buscou-se fazer uma análise de estudo para compreender este fenômeno. Esta monografia traz como título: “*O Crescimento da Violência doméstica nos anos de 2017 e 2018 e os enfrentamentos mobilizados na Sociedade Macapaense*” visa compreender e explicar como a violência doméstica acontece dentro das relações de homens e mulheres e quais as medidas tomadas pela rede de enfrentamento local, direcionada por gestores e agentes sociais engajados na prevenção desta problemática em levar apoio e atendimento as mulheres vítimas.

O referido estudo, tem grande relevância para a sociologia como ciência que estuda e interpreta os fenômenos sociais que ocorrem na sociedade. Neste sentido, objetivou-se compreender o silêncio das mulheres que sofrem violência doméstica e se calam na continuação de vítima, visto que há uma lei que atua dentro da legalidade no amparo da mulher vítima, assim como muitos enfrentamentos com informações e mobilizações desenvolvidos pela rede de enfrentamento que orientam e buscam empoderar mulheres de seu direitos, deveres e fortalecimento diante dessa prática que se alastra. Desta forma, este estudo acadêmico se intenciona entender a demanda tão crescente da violência contra mulher especificadamente a violência doméstica.

A pesquisa foi realizada dentro de uma abordagem qualitativa por meio de conversa direta com os gestores, agentes sociais apoiadores das instituições: delegacia de mulheres, promotoria de justiça da mulher, centros de acolhimento e com mulheres vítimas, que foram as protagonistas deste estudo, as quais relataram as relações de vivências e experiências conflitivas por situações diversas do fenômeno “violência doméstica” que foi a realidade desse estudo. Segundo Minayo (1994) é desenvolvido nas Ciências Sociais a interpretação dos fenômenos tendo como ponto de partida a perspectiva dos entrevistados sobre suas próprias realidades e os significados a partir da sua origem.

(...) As ciências sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações. (MINAYO, 1994, pag.15)

A pesquisa é essencialmente qualitativa, mas os números serão utilizados como suporte para aferir determinados impactos. Por exemplo, quantas mulheres registraram denúncia contra seus agressores nos anos de 2017 e 2018, em Macapá. Minayo (1994) advoga, que a pesquisa qualitativa se ocupa nas ciências sociais com uma realidade que não pode ou não deve ser quantificada.

(...) A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço, mas profundo das relações, dos processos, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, pag. 21,22)

Na abordagem qualitativa, o método do estudo das relações sociais conflitivas de homens e mulheres, possibilitou a compreensão da complexidade da vida social de como acontece os conflitos na violência doméstica, com causas e consequências por meio das ações que embatem homens e mulheres, e como reflete na sociedade e na sociologia como ciência que estuda as relações sociais. Segundo SILVA (2010) a sociologia como ciência que estuda as relações sociais produtoras de sociabilidades cabe a esta, uma atenção, mas voltada de entendimento quando as relações se tornam conflitivas.

(...) A Sociologia é uma ciência que estuda as relações sociais produtoras de sociabilidades humanas. Quando estas relações sociais se tornam tensas e as sociabilidades expressam-se de forma agressiva, a ponto de atingir a dignidade das pessoas, é necessário uma abordagem mais objetiva para entender as dimensões dos fatos sociais ali emergentes. Estes esforços reflexivos são chamados de Sociologia da Conflitualidade e da Violência. Com certeza não é somente a Sociologia que estuda os processos de relações sociais em tensões, mas nos últimos tempos é ela que condensou os principais estudos que estão servindo para assessorar os debates sobre as causas e as consequências da violência. (SILVA, 2010, pag.14)

O objetivo geral teve como enfoque compreender como se dá o fenômeno violência doméstica em suas várias formas e como as relações afetivas no espaço familiar são tão conturbadas desencadeando violência física, psicológica, entre outras, criando um ambiente de desentendimento e sofrimento. Os objetivos específicos objetivaram: a) verificar de que forma a violência cresceu nos anos de 2017 e 2018 em Macapá; b) Explicar os tipos de violência que as mulheres sofreram em suas vivências; c) Verificar as causas da violência apontando cada uma e suas características; d) Relatar as consequências físicas, psicológicas e morais que foram

causadas pela violência; e) Apontar as reincidências da violência; f) apresentar os enfrentamentos que vem ocorrendo em forma de projetos e campanhas.

Este estudo abordou o seguinte problema: Porque muitas mulheres com informações de seus direitos e proteção da lei, continuam se rendendo a violência praticada por seus parceiros? A pesquisa apresentou como hipóteses: que as mulheres permanecem sendo vítima por diversos fatores: filhos dependentes nas questões financeiras, medo de represálias ao denunciar, ameaças de futuras agressões por seus parceiros, sentimentos de desvalia pessoal, incapacidade de sobreviver economicamente, por sentir vergonha da família e amigos, por esperar e acreditar na mudança do comportamento do agressor, por medo de ficar sozinha, medo de ser morta pelo agressor.

A abordagem metodológica foi desenvolvida com pesquisa em várias fontes bibliográficas, com ênfase em autores sociólogos entre eles, Saffioti, Bourdieu, Durkheim, Weber, Minayo, Bauman, Kergoata, Soares, Pasinato, Whitaker e outros autores pesquisadores da violência de gênero. Também foram utilizados artigos, cartilhas informativas e jornais. Na pesquisa de campo, foram feitas visitas as instituições públicas que oferecem apoio as mulheres vítimas como delegacia de mulheres, promotoria de Justiça da Mulher, Defensoria Pública, Secretaria Extraordinária de Política para Mulheres e Centros de Apoio a Mulheres Vítimas, nas referidas instituições contribuíram com informações através de entrevistas abertas: uma promotora, uma defensora pública, uma delegada, um capitão de polícia, duas coordenadoras, duas psicóloga e 13 mulheres vítimas de violência doméstica, que recebem nomes de pedras preciosas como nomes fictícios nesta pesquisa.

No primeiro capítulo, é apresentada a violência doméstica e contra mulher dentro de uma perspectiva sociológica, contextualizada nos estudos de autores que se empenharam em pesquisar sobre a violência sofrida pela mulher dentro do contexto histórico, enfatizando a dominação do homem sobre a mulher na sociedade patriarcal. O segundo capítulo, discorre sobre os enfrentamentos desenvolvidos através de projetos e campanhas, pelos centros de apoio CRAM E CAMUF, em parceria com outras instituições, que trouxeram para a sociedade macapaense de forma pública, manifestações e mobilizações contra a violência doméstica, relata também as possíveis falhas no enfrentamento.

No terceiro capítulo, é abordado o crescimento da violência doméstica nos anos de 2017 e 2018 em Macapá, com índice alarmante de crescimento, relatando os tipos de violência sofrida pelas mulheres que denunciaram as agressões, as causas, as consequências e as reincidências decorrentes desta problemática. Diante desta dura realidade, percebe-se que há necessidade de

uma reflexão mais profunda sobre a violência doméstica vislumbrando possibilidades de novas estratégias para desconstruir a cultura machista.

## 2. A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NUMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

### 2.1 Compreensão da Violência na Sociedade

A violência nas sociedades Ocidentais, é fruto de uma organização do pensamento humano que se naturalizou ao longo dos tempos, criado e imaginado nas sociedades, de acordo com suas concepções, estabelecendo papéis sociais determinados, padrões de comportamentos, criando instituições forte e estáveis, hierarquias, relações de poder verticalizados, que se naturalizou como verdade, estabelecendo formas de pensar e agir, presente ao longo dos tempos, sem fronteiras geográficas, raça, idade ou renda, vem vitimando pessoas em todo mundo causando mortes. Os cientistas sociais, apontam a violência como a essência humana que faz parte da natureza humana, um fenômeno que é explicado com base no contexto histórico e cultural, são pressupostos e paradigmas que organizam o conhecimento e em alguns momentos na história, uma prática corriqueira e natural em consequência do poder do homem.

A violência vem se intensificando na sociedade atual, o termo violência abarca vários significados e definições, sendo necessário um olhar sociológico com vigor investigativo e interpretativo. Para Zaluar (1999) a violência é etimologicamente referenciada ao latim *violenta*, relacionada a *vis* e *violare*, comporta os significados de força em ação, força física, potencia, essência, mas também algo que viola, profana, transgrede e destrói. Essa, *violentia* denota um vigor, uma força, direcionada à transgressão e destruição de uma ordem dada ou “natural”, o limite representado por essa ordem, é sua perturbação, é percebido de forma variável, cultural e histórica.

Embora, essa história social do homem, sempre esteve presente:

O descontrole racional, irracional onde os potenciais de *homo demens* e *homo sapiens* estão sempre juntos, ancorado um no outro, e, de forma mais objetiva diremos que a violência emergiu quando começou a dominação do homem pelo homem, as desigualdades, a exploração e as classes sociais. A violência evidencia o descontrole humano e sua natureza agressiva [...]. (SILVA, 2010, p. 13)

Não se tem registros de sociedades, onde a violência não tenha estado presente, a dialética do desenvolvimento social, traz à tona problemas mais vitais e angustiantes do ser humano. Entender a essência do fenômeno da violência, sua natureza suas origens, buscar meios

apropriados para amenizá-las, preveni-las, ou elimina-la da convivência social, é necessário se apropriar dos conhecimentos no âmbito das ciências humanas e sociais.

Assim, o estudo da violência é apresentado como um fato social, que para Durkheim (2015, p.163), “procura entender as condutas humanas na sua regularidade e como determinadas pela estrutura da sociedade”. Esse fato social é entendido como um comportamento social, que não procede do próprio indivíduo, mas como algo exterior a ele: a sociedade, logo existe fora da consciência do indivíduo. Assim, o autor esclarece que:

É um fato social toda a maneira de agir, fixa ou não, capaz de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, ou, ainda, que é geral no conjunto de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais. (DURKHEIM, 2002, p. 82)

Nessa explicação do autor, os fatos sociais apresentam características essenciais como: não procede do próprio indivíduo, são exteriores a ele são coercitivos, são impostos pela sociedade. Nesse sentido, para Durkheim (2015, p. 83), “o fato social é perfeitamente condizente com o pressuposto epistemológico que guia a sociologia, é a sociedade que explica o indivíduo”. Embora a sociologia não seja a única a estudar as relações sociais, mas vem representando nos últimos tempos resultados que vem ao encontro das causas e as consequências da violência.

A conceituação de fato social acima leva compreender a violência, entendê-la com base nas explicações de Émile Durkheim que diz: os efeitos do ópio pelas suas virtudes dormítivas, o vinho pelo espírito do vinho e o fogo pelas suas propriedades flogísticas, ou seja: a violência explica-se pela violência, pelo espírito da violência, por uma substância virtualmente genética, e assim generalizando, Andrade (et al, 2014, p. 8), “dizemos que as pessoas, são violentas porque possuem um coeficiente de violência inato, que os homens batem nas mulheres porque são violentos, que os pobres são pobres porque são preguiçosos, que a oposição política faz o que faz e diz o que diz por que é visivelmente violenta”.

Andrade (idem, 2014, p. 8) conceitua a violência como: um dano físico, psicológico e/ou moral infligido a outrem (indivíduo ou coletividade considerado) ou em algo de forma continuada ou não, direta ou indireta, com consequências lesivas que, no limite da interação social, podem conduzir à morte.

Dessa forma, a violência, pode surgir como algo, que vem em crises, imediato, com grande visibilidade, violência que são praticadas e exercidas do poder, a história produz acontecimentos, envolvendo mitos oriundas das ciências, que refletem na historicidade da

violência. De certo, a sociedade esta envolvida na construção na invenção, dessas histórias, dos fatos ou fenômeno social e político. Assim sendo, a conduta humana é delimitada como tarefa de várias áreas de conhecimento, no estudo da realidade social, que explica a violência do indivíduo dentro de sua perspectiva histórica e evolutiva.

Na concepção de Zaluar (1996, p. 9):

A violência não surge na história dos homens com a exploração, a dominação ou a miséria que conhecemos na sociedade moderna [...]. Sempre esteve dentro dos homens, em todas as sociedades, em todas as épocas, em todos os recantos do mundo, existem manifestações da agressividade potencial dos homens contra seus semelhantes. Os homens, desde os tempos imemoriais têm capacidade de destruir-se mutuamente, por meio da violência.

Portanto, a violência é uma categoria muito abrangente, e é entendida em maior ou menor grau de diferentes maneiras simbólicas, por está em todos os lugares, se apresentando como caráter, não físico, mas danosa, presente em vários espaços, são aceitas, ainda que sejam injustas e naturalizadas nas relações desiguais. Uma delas é a violência doméstica, quando o uso intencional da força física ou poder, ameaça na pratica, a si próprio, resultando em morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento e privação.

Diante das mais variadas, conceituações de violência, com dimensões teórica, empírica, pautada na teoria sociológica da modernidade. Bourdieu (2002), apresenta informações das relações sociais no contexto familiar, denominando de “violência simbólica”, onde a dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino, o homem exerce o domínio sobre o tecido social e institucional. Esta dominação masculina se estrutura na percepção e na organização concreta e simbólica de toda a vida social, ou seja, o exercício do poder sobre a mulher. Assim o autor pontua alguns resultados de sua pesquisa:

Sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência dessa submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instancia do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de aprender a lógica da dominação. (BOURDIEU, 2002, p. 3,4)

Sendo assim, a violência simbólica, é imperceptível na comunicação se tornando natural, ou seja, a estrutura do pensamento se legitima, as práticas vão se incorporando, a esses

significados lentamente. Nessa dominação é evidente que a questão da hierarquia social está presente, com necessidade da ação coletiva de resistência feminina com o objetivo de impor reformas jurídicas e políticas capazes de alterar o estado atual da relação material e simbólica entre os sexos.

Essas desigualdades históricas, foram socialmente sendo construídas entre homens e mulheres ao longo do tempo, embora ainda hoje se tornem um elemento importante para compreender o fenômeno da violência doméstica e sua complexidade. Fatos comprovado por ocasião de sua pesquisa, no “povoado da Argélia, Cabília, de cultura androcêntrica, de tradição mediterrânea onde as relações são assimétricas entre homens e mulheres, uma sociedade tradicional e arcaica onde tudo era hierarquizado” Bourdieu (2002, p. 6) utilizando-se de seus estudos e conhecimentos da sociologia e antropologia.

Tendo o mesmo, observado, que o homem é uma medida de todas as coisas, e em contrapartida, as mulheres aceitavam e tinham a dominação do homem como natural, na (Cabília), a raiz da tradição está presente, em uma sociedade viva, cheia de simbolismo e organização (binárias), com a presença de oposições, e dicotomias. Com aceitação do castigo corporal, punição de um erro ou de adequação desse erro à norma social.

Em todos os momentos, observa-se que autor analisa e conceitua esse cenário, analisando a forma de poder que o homem exerce sobre os corpos das mulheres: o que cabe ao feminino e ao masculino – a mulher é entendida como entidade negativa, seu órgão feminino sem denominação exata na biologia, sendo comparado a um órgão masculino invertido que vai verberar nas mulheres mais jovens, o que pode e o que não pode fazer, e em outros aspectos (roupas, conduta, andar, falar, comportamentos, profissões etc.), além das práticas no diminutivo ao se referir a elas, o autor relata que:

A diferença biológica entre sexos, isto é, entre corpo masculino e o corpo feminino é, especificamente diferença anatômica entre órgãos sexuais, pode ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre gêneros e principalmente da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 2000, p. 10)

Em relação diferença biológica (Laqueur, 2001 *apud* Zanello, 2018, p.39), afirma que a ideia/teoria de uma diferença sexual substantiva e binário-oposta (homem/mulher nem sempre existiu). Desde Aristóteles até o século XVIII, houve a predominância da teoria do sexo único, havendo apenas uma diferença de graus, sendo as mulheres consideradas como homens menores.

Nos estudos de Bourdieu, o homem é educado para ocupar espaços públicos, já a mulher por seus limites não, e por suas características, dócil, fútil, frívola é submetida à divisão sexual do trabalho gerando desigualdade entre sexos. Essas condições entre homens e mulheres, foram separadas por questões ligadas biologia, interferindo na forma de divisão do trabalho social decorrente das diferenças de sexo, e foi se adaptando historicamente em cada sociedade, onde os homens é a esfera produtiva, e a mulheres e esfera reprodutiva, essa noção foi utilizada pelos etnólogos para designar umas tarefas entre homens e as mulheres nas sociedades. Saffioti (1987, p. 11) aponta que esta “diferença biológica entre sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, é, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais podem ser vistas como justificativa natural na diferença socialmente construída entre gêneros, e da divisão social do trabalho”.

Logo, cabe ao homem, pela sua (rudeza, virilidade) um maior reconhecimento, essas relações antagonicas entre homens e mulheres são construções sociais, definindo o que se espera do sexo feminino, é a feminilidade, e isso verbera no trabalho, em algumas profissões: Secretario, Administrador, Estilistas, Chefes de cozinha etc. Já as profissões das mulheres não são bem vistas como as dos homens, esses símbolos estarão tão enraizados, que as mulheres aceitam e reconhecem esses símbolos e se mantêm como submissas e agem como dominadas, não aceitam que o homem seja inferior a elas.

Essa dimensão histórica, está enraizada, nos trabalhos que a mulher pode fazer, ao contrário do homem que se tornando mais valorizado que a mulher, quando este exerce atividades importantes se torna nobre, para BOURDIEU (2002, p. 16) “essas diferenciações, só surgem, quando se coloca universal, o homem seria criado para liderança a mulher por suas especificidades é vista como incompetente, fatos construídos pela história”. Para Saffioti (1987, p. 47) “Esta dominação do homem sobre a mulher ocorreu há milênios atrás, e está relacionado ao poder político na qual os homens tomam decisões, que afetam a vida de um povo, e a mulher tem uma participação ínfima na sociedade contemporânea”.

Na pesquisa de BOURDIEU (2002), a dominação esta presente sobre o tecido social onde as mentes e os corpos no discurso e na prática tanto social como institucional há uma hierarquia, enraizando uma necessidade de ações coletiva de resistencia feminina. Se faz necessario criar, mecanismos capazes de alterar as forças simbolicas entre sexos, mediante as novas estratégias de enfrentamento, voltada para à construção da realidade do mundo, quer seja na questão, ideologia, cultural ou política que formam determinantes para o modelo vigente.

Embora o autor entenda que:

É totalmente ilusório crer que a violência simbólica pode ser vencida apenas com a arma da consciência e da vontade, e porque os efeitos e as condições de sua eficácia estão duradouramente inscritos no mais íntimo dos corpos, sob a forma de predisposição aptidões inclinações, e o eu se vê sobretudo nas relações de parentesco e todas, as relações combinadas segundo este modelo de(amor filial e fraterno etc.), ou do dever; sentimentos e de ver que, confundidos muitas vezes na experiência do respeito e do devotamento afetivo, podem sobreviver durante muito tempo depois de desaparecidas suas condições sociais de produção. (BOURDIEU, 2002, p. 25)

Embora o trabalho de transformação de corpos sexualmente diferenciado e diferenciador realiza-se através dos efeitos de sugestão mimétrica através de injunções explícitas, Bourdieu (2002, p. 35) [...] através de toda construção simbólica da visão do corpo biológico, produz *habitus* automaticamente diferenciados e diferenciadores”. Essas injunções, continuadas, silenciosas, invisíveis, hierarquizadas, que preparam as mulheres, a aceitar como naturais as inquestionáveis prescrições e proscricções arbitrárias, inscritas na ordem das coisas se dos corpos.

Bourdieu (1989, p. 61) “chamou de *habitus* um conhecimento adquirido e um haver, um capital de um agente em ação[...] trata-se, pois, de dispositivos que operam sem necessidade de o agente racionar para se orientar e se situar de maneira racional no espaço”. Logo para o autor o *habitus* nasce da interação no processo de socialização, é um equipamento genético onde o portador e o agente social. Nas explicações de Saffioti (2011, p. 35) o conceito de *habitus* em Bourdieu é o que foi sendo adquirido pelos indivíduos ao longo de sua trajetória, apresentando-se sob a forma de disposições permanentes.

Saindo do lar doméstico, encontramos o androcêntrico atravessando, também a formação do pensamento, nas ciências e na filosofia. A divisão entre sexos parece estar na ordem social e das coisas, nesse sentido a dominação masculina é tão sofisticada que dispensa justificativas, é como se essa visão de mundo fosse neutra e não tivesse necessidade de explicar-se (BOURDIEU, 2002, p. 35).

Na análise de ANDRADE (et al, 2014, p. 133):

A violência simbólica como poder de impor um sistema de pensamento ou uma estrutura mental como legítima a uma determinada população ou a um conjunto de pessoas dominadas subjugadas, utilizando para isso o sistema educativo e os meios de comunicação de massa. Ela é sutil e invisível porque se integra às estruturas cognitivas e se exerce com cumplicidade das vítimas.

Assim fica o seguinte entendimento de que a violência simbólica exerce um impacto considerável sobre a estrutura social em termos de danos e desperdícios, e deve ser considerada como uma violência social.

As abordagens sobre violência, suas historicidades neste trabalho apresentam estudos e posições distintas, como as pesquisas fundamentadas nos estudos de Soares (2005, p. 36), enfatiza que “os comportamentos violentos devem ser encarados como um desafio, e se não buscarmos a construção da paz, estaremos aprisionando, em nossos discursos, em nossas praticas na órbita da violência”. Que de acordo com as diversas conferencias internacionais realizadas no século XXI elaboraram parâmetros e definições dos direitos humanos para todos os habitantes do planeta.

Segundo a Organização Mundial de Saúde [...] “não há um fator único que explique porque algumas pessoas se comportam de forma violenta em relação a outras, ou porque a violência ocorre mais em algumas comunidades do que em outras” (OMS, 2002). A violência é o resultado da complexa interação de fatores individuais de relacionamentos sociais, culturais e ambientais. Entender como esses fatores estão relacionados à violência é um dos passos importantes na abordagem de saúde pública para evitar a violência (Relatório Mundial sobre a violência e saúde, Genebra, OMS, 2002).

## 2.2 Contexto da Violência Contra Mulher

Para entender a violência contra mulher, é preciso entender como foram definidos os papéis sociais construídos a partir do sexo, o homem deve dedicar-se no espaço publico e a mulher ao espaço privado. O homem comporta-se como líder e a mulher como cuidadora do lar, essas ideias normalizam o conjunto de violência contra mulher que é vitima tanto no espaço publico como no espaço privado

Assim, Neto (2018, p. 37) foca diretamente no objeto de estudo e diz “a violência contra mulheres se constitui como todo ato de violação do sexo feminino, que possa ter como resultado o dano físico, sexual ou psicológico da mulher, inclui-se aqui a ameaça”. Confirmado pela definição Organização Mundial da Saúde (OMS) e Organização das Nações Unidas (ONU), 2000.

Segundo Soares (2005, p. 37) para compreender a violência contra mulher, é preciso compreender a violência por meio do “modelo ecológico, neste modelo a violência estaria relacionada a interação de quatro planos: o individual, o relacional o comunitário e o social”. Para a autora, cada um desses planos engloba o anterior, tanto para reforçar, quanto para

prevenir, os elementos de risco, exemplo, “os fatores de riscos”, biológicos, pessoais como; a impulsividade, abusos sofridos na infância ou uso abusivo de substâncias químicas, (plano individual), podem ou não favorecer a violência, dependendo da qualidade das relações familiares e de amizade”. O tipo de suporte dado pela família e pelas redes de relações familiares e de amizade”. (SOARES, 2005, p. 37).

Estes suportes faz a diferença “no plano relacional”, assim como a natureza dos vínculos que ligam pessoas a seu entorno, os vizinhos, ambiente de trabalho, amigos grupos de igreja ou associações fazem parte do “plano comunitário”, pode abrir ou fechar as portas da violência. Pode ser que a violência não encontre meios de se manifestar, se as pessoas fazem parte de uma rede sólida e estável e solidária.

Apona ainda que, por outro lado a pessoa pode ser estimulada, caso ela viva em um ambiente muito heterogêneo em constantes mudanças ou atravessando problemas como: a criminalidade, altas taxas de desemprego e desordem urbana, no “plano social”, as leis as normas informais e os sistemas institucionais são negligentes e tolerantes em relação a violência, aí ela ganha terreno. Em uma sociedade, em que as normas estabelecidas, estabelecem freios nítidos à violência, as agressividades deixam de ser um comportamento naturalizado.

Para SOARES (2005, p 38) “Esse é um modelo para ajudar a compreender melhor as raízes da violência, não é regra ou profecia”. É possível que alguém viva sob condições de risco em todos esses planos e jamais apresente comportamento violento. O modelo Ecológico da violência se estabelece das seguintes maneiras: Societário, Comunitário Relacional e Individual.

Assim como ANDRADE (2014, p. 81), comunga da mesma teoria de Soares esclarece que: “as teorias sobre a violência, envolve diferentes áreas de investigação científica, tais como a sociologia, antropologia, psiquiatria fisiologia, criminologia, ciências forenses, e que as melhores teorias sobre a violência não devem ser aquelas em que nós acreditamos, que vão ao encontro de nossos objetivos e desejos, mas aquelas que aumentam nosso conhecimento, que nós ajudam a tomar as melhores decisões sobre políticas de prevenção mitigação e tratamento da violência social. Entender o quadro teórico mais abrangente para responder à questão do que é a violência social, devem ser aquele em que as teorias analisam a conexão entre fatores individuais e contextuais ou macro-sociais, denominado “modelo ecológico”.

O autor esclarece ainda que, os teoricista do modelo ecológico postulam a violência, como um fenômeno multifacetado, fundamentado na interação entre fatores individuais, contextuais e sociais, o modelo foi inicialmente proposto para o estudo das diferentes formas

de violência doméstica, (WHO, 2002; Heise, 1998; Littes & Kantor, 2002 *apud* ANDRADE, 2014, p. 82). Este modelo teórico defende que os fatores de risco da violência podem ser avaliados através dos quatro níveis citados anteriormente citados, por SOARES (2005) individual/interpessoal/comunitário e macro-social ou da sociedade, influenciando mutuamente interagindo como fatores de risco da violência.

Andrade (2014) acrescenta outros fatores de risco da violência: a nível individual o fator biológico, está presente em sociedades patriarcais, influenciados por familiar/interpessoal, influenciados por comportamentos, o fator comunitário influenciados por taxas de mortalidade da violência social, e o fator no nível macro da sociedade, que incutem e criminalizam a violência social, como crenças culturais, dogmas, regulamentos leis dos quais se destacam normas gerais e públicas sobre educação, família e poder de gênero, opções políticas, neste modelo ecológico, explicado como interações entre esses diferentes fatores de risco social.

Assim, para que um indivíduo se torne vítima ou perpetrador dos diferentes tipos de violência social e necessário entender a problemática dos fatores de riscos da violência, “devemos procurar identificar fatores ao nível individual que caracterizam o perfil dos indivíduos, mais propenso a responder a determinadas condições sociais que facilitam a cultura da violência social”. (ANDRADE, 2014, p. 83).

O Modelo Ecológico, recomendado pela Organização Mundial da Saúde, para compreender a violência que aflige muitas mulheres, vem em busca de esclarecer as condutas apreendidas, com o comportamento violento do homem e o comportamento passivo da mulher.

### 2.3 A Violência Contra Mulher na Sociedade Patriarcal

O patriarcalismo, é definido como a supremacia do homem nas relações sociais, seja no meio familiar nas relações políticas, militares e econômicas não foi uma regra da história, essas condições foram construídas por seres humanos como sujeitos da história, embora na histórica a sociedades matriarcais estivesse presente, em diversas sociedades, entretanto em algumas sociedades o patriarcalismo predominou. Saffioti (2011, p. 60):

Analisa esta contagem, a parti do começo do processo de mudança pode ser dizer que o patriarcado conta com a idade de 5,203-4 anos, esses calculo a parti do processo de transformação das relações homens e mulher, a idade desta estrutura hierárquica e de 2.603-4, sem sobreviventes de um patriarcado remoto, face da idade da humanidade 250 mil e 300 anos. A resistência das mulheres, o processo de instauração do patriarcado teve início no início 3.100 AC, e se consolidou no ano 600 AC, com forte resistência por parte das mulheres exigindo lutas por parte dos homens durante dois milênios e meio para sua consolidação. Logo não se vivem sobre vivencias de um patriarcado

remoto; ao contrário do patriarcado é muito jovem e pujante, tendo sucedido às sociedades igualitárias.

Os traços essenciais de uma família patriarcal se baseiam na crença de laços sanguíneos através de um antepassado comum, mítico ou real, a transmissão da hereditariedade da posição de chefe ou de senhor de preferência ao primogênito da esposa legal ou de uma das esposas legais, ou ao exercício do poder através de normas legais, ou ao exercício do poder através de normas tradicionais, independente de sua origem ou fundamento religioso que de acordo com Weber (2002, p. 61) “justificando a dominação, a autoridade do passado eterno, ou seja dos costumes santificados pela validade imemorial e pelo hábito, enraizado nos homens, de respeitá-los. Assim se apresenta o poder tradicional, que o patriarca ou o senhor de terras exercia antigamente”.

As primeiras relações patriarcais definidas são conhecidas na antiguidade, através das tribos dos hebreus, onde os pastores tinham a função central, exercendo inclusive funções religiosas. O Patriarcalismo se acentuou em Atenas, na Grécia clássica e em Roma, quanto aos homens (Eupátridas e Patrícios) exerciam funções políticas, enquanto as mulheres eram vistas apenas como reprodutoras, e na idade média V/ XV, que as relações patriarcais se mantiveram, se adequando as novas formas de organização social.

Mas é com o tratado de Vassalagem, onde o Suserano aceitava receber a família de camponeses em suas terras, era primordialmente feita por homens considerados os chefes família. Com a Revolução Francesa em 1789, um momento importante na história questionou este patriarcalismo, com a ideia de Liberdade, Igualdade e Fraternidade na tentativa de colocar as antigas relações entre homens e mulheres em contradição.

Calcula-se que o homem havia estabelecido seu domínio sobre a mulher há cerca de seis milênios, São múltiplos os planos da existência cotidiana em que se observa esta dominação. Um nível extremamente significativo deste fenômeno, diz respeito ao poder político. Em termos muito simples, isto quer dizer que os homens tomam as grandes decisões que afetam a vida de um povo. (SAFFIOTI, 1987, p. 47)

Para entender a sociedade patriarcal se faz necessário acompanhar a história. Pontuando determinados períodos, Zanello (2018), aponta que no século XVII, ocorreram grandes transformações sociais e política, que trouxeram configurações representando o que era ser homem e mulher, com afirmação do capitalismo, houve separação do espaço público e privado, o trabalho passou a ser visto com valor em si mesmo. “A influência do naturalismo”, foram divulgadas as ideias de “dimorfismo sexual”, noção de que homens e mulheres possuíam

anatomias fisiológicas distintas, as quais estariam na base das diferenças de papéis e status sociais e seriam por elas justificadas”. (Laqueur, 2001 *apud* Zanello, p. 177).

Dessa forma, as sociedades ocidentais continuavam marcadas por intenso patriarcalismo e misoginia, os homens continuaram a ocupar um patamar hierárquico superior as mulheres, Zanello (2018, p. 177). “Se antes a diferença era uma questão de graus, agora se compreendia que eram dois seres completamente diferentes”. Sendo assim, os homens foram compreendidos a partir de certas qualidades, naturais, seria a ação energética, a atividade sexual, coragem, resistência física e moral, o controle de si, cabendo a eles o âmbito público, o trabalho reconhecido e renumerado.

Na dominação, relacionada à virilidade masculina no ocidente, ZANELLO (2018), apresenta, controle sobre seus próprios comportamentos e afetos-ideais de “razoabilidade”, contra as mulheres por (considera-las como inferiores ou com qualidades menos nobre, contra outros homens), tanto na competição com os iguais, como no exercício de controle e subjugação dos considerados inferiores de acordo com os valores sociais e culturais daquele momento; escravos, jovens pobres etc. Foi neste momento que se estabeleceu e se fortaleceu a separação entre as esferas públicas e privadas, a noção de trabalho se firmou, não com atividade exercida pelas mulheres que atuavam na esfera doméstica. Para Saffioti (1987, p. 278):

A consolidação do capitalismo seguiu junto com a redefinição da masculinidade tradicional, a força física e a honra foram substituídas pelo sucesso, o dinheiro é um trabalho valorizado. (...) houve uma separação de universos para homens e mulheres. Para algumas delas, a casa e os filhos; para eles, a competitividade do espaço público.

Assim, os homens desde cedo, marcam suas incitações visíveis, como as invisíveis, presente dentro das próprias famílias. Logo, a visão de mundo que os homens vão construindo se inicia com a crença em sua superioridade com gênero, gerada por meio da observação da dinâmica familiar entre seus pais e do tipo de relação que estabelecem entre si, seus valores vão sendo agregados a visão de mundo, a disciplina, a autoridade, a moral familiar, valentia, coragem e a identificação com a hierarquia.

Zanello (2018) faz considerações sobre as relações sociais, entre sexos concebidos como desiguais, hierarquizadas e antagônicas de exploração e opressão que foram socialmente construídas e estudadas por pesquisadoras feministas, sociólogas, psicólogas, antropólogas, com uma abordagem multidisciplinar. Na relação da família é o patriarca que se apresenta na figura do homem no centro e as mulheres com um papel secundário, este homem tem sob seu poder, mulheres, filhos e escravos.

Para Saffioti (1987), O termo patriarcado, originada na palavra grega –“Pater” a preponderância do homem na organização social, e as mulheres eram concebidas como objeto de satisfação masculina e julgadas inferiores como uma estrutura de relações entre posições hierarquicamente ordenadas têm consequências no nível observável, mas se confunde entre eles, a posição do patriarca é uma posição no campo simbólico que se transpõe em significados variáveis nas distintas interações sociais.

Foi o sistema capitalista, com base na exploração da mão de obra assalariada ao longo da história, que ocorreram um processo de concentração das riquezas, nas mãos de poucos, teve, um crescimento acelerado no séc. XV, expandiu riquezas graças à exploração do trabalho assalariado, destacando-se com a Revolução Industrial no século XVIII, foi quando o capitalismo se consolidou Saffioti (1987, p. 43) “Este processo de produção culminou com o aumento da produtividade, a diferença fundamental e o capitalismo de um lado e o escravismo e o feudalismo do outro, tendo a tecnologia como um recurso capaz de elevar a produtividade”.

Embora não tenha sido o capitalismo, o sistema de dominação – exploração o patriarcado e o racismo (SAFFIOTI, 1987, p. 60) “já existiam na Grécia e na Roma antiga, sociedade nas quais se fundiram com o sistema escravocrata [...] e se fundiram com o sistema feudal”. Com a emergência do capitalismo, houve a simbiose, a fusão, entre os três sistemas de dominação – exploração. Para a autora eles são inseparáveis se transformaram por meio do processo simbiótico em um único sistema de dominação – exploração, denominado \patriarcado\ racismo \ capitalismo”.

Saffioti (1987) reafirma que, no patriarcalismo, há supremacia do homem sobre a mulher, são múltiplos, presente no cotidiano que se observa na dominação. Um nível extremamente significativo deste fenômeno diz respeito Saffioti (1987, p. 61) “ao poder político [...], isso quer dizer que os homens tomam as grandes decisões que afetam a vida de um povo”, explica ainda que as estruturas históricas que promovem os vários tipos de dominação, como características das sociedades modernas; o patriarcalismo, o capitalismo e o racismo, a educação e as ideologias do processo de socialização é que garantem a reprodução da crença na inferioridade da mulher, mesmo que evidências científicas negue essa inferioridade.

Historicamente, o patriarcado, foi apresentado e pensado como uma questão biológica é um meio de compreender o fenômeno de poder e dominação, outra perspectiva e da formação psicológica e social entre os sexos, na visão de antropólogos, no início da história da humanidade as sociedades eram coletivistas, tribais, nômades e matrilineares, com a presença da agricultura, da caça do fogo e o homem como reprodutor e dono da propriedade privada, as

relações passaram a ser monogâmicas, que seria uma maneira de garantir a heranças a seus filhos legítimos, o corpo e sexualidade da mulher foram controlados.

Assim, instituiu-se a família monogâmica com a divisão sexual do trabalho, instaurando-se o patriarcado, uma nova ordem centrada na descendência patrilinear sob o controle dos homens. Este sistema social onde os homens mantêm o poder primário, que predomina nas funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades, no domínio da família, mantém a autoridade sobre mulheres e outros.

Sob a lógica do patriarcalismo, estabeleceu o poder de autoridade religiosa masculina sobre seus subordinados, onde os homens dominavam familiares, empregados ou aspectos políticos de uma organização social, assim as pessoas passam a dever obediência a imagem do homem dominante. Esse patriarca manteve o poder ao longo da história sobre qualquer indivíduo da organização social, mulher, filhos, súditos, escravos ou o povo.

Para Kergoata (2003, p. 55). As condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas antes de tudo, as construções sociais de homens e mulheres não é uma coleção - ou duas coleções - de indivíduos biologicamente distintos. Eles formam dois grupos que estão engajados em uma relação social específica; as relações sociais de sexo. Esta, como todas as relações sociais, tem uma base material, no caso o trabalho, e se exprimem através da divisão social do trabalho entre os sexos, chamada de maneira concisa, divisão social do trabalho. Em DURKHEIM (1999, p. 23)

Essa construção biológica pode ser explicada da seguinte maneira; O volume do crânio do homem e da mulher, mesmo quando comparamos sujeitos da mesma idade, mesma estrutura e mesmo peso, apresenta diferenças consideráveis a favor do homem, e essa desigualdade vai crescendo com a civilização de sorte que, do ponto de vista da massa do cérebro e, por conseguinte, da inteligência, a mulher tende a se diferenciar cada vez mais do homem.

Com a divisão do trabalho social essa diferenciação esta diferenciação se fez presente nas atribuições das funções femininas e masculinas baseadas nas disparidades biológicas. Essas semelhanças das naturezas entre os sexos, Émile Durkheim, aponta o evolucionismo biológico a realidade social, com base nos estudos de antropólogos, com influência do darwinismo social, afirma ainda que nas sociedades primitivas a diferença entre o corpo feminino e o masculino era menor que nas sociedades mais evoluídas.

Esses estudos, segundo Durkheim (1999) foram realizados em crânios de várias sociedades em épocas variadas constatou-se que a civilização se evoluiu em relação aos crânios

masculinos, esses acontecimentos legitimou a educação, uma vida desigual para homens e mulheres. Embora essas dessemelhanças anatômicas identificadas por ocasião dos estudos elas são dessemelhanças funcionais.

Logo, se com a evolução da sociedade, a mulher se distingue fisicamente do homem, é natural que as funções desempenhadas por elas, sejam diferenciadas. Em seu pensamento o autor parece legitimar uma hierarquização entre tarefas masculinas e femininas, a divisão do trabalho sexual da conotação de correlação entre as distintas funções.

Utilizada por etnólogos para designar separação de tarefas entre homens e as mulheres nas sociedades que os antropólogos estudavam e (Levi-Straus, *apud* KERGOATA, 2003) teceram explicações sobre a estruturação da sociedade em família). Kergoat (2003, p. 55) “a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma de divisão é adaptada historicamente a cada sociedade”.

Aponta características que destinam de forma prioritária os homens a esfera produtiva e as mulheres a esfera reprodutiva, os homens se ocupam de funções de forte valor social, como políticos, militares e religiosos, esse princípio de separação estabelece trabalhos de homens e trabalhos de mulheres e um princípio de hierarquização, tendo o trabalho do homem vale mais que as mulheres. (KERGOATA, 2003, p. 56)

A autora explica, a função de importância no trabalho está relacionada ao poder que apresenta duas faces: a da potência e a da impotência. SAFFIOTI, (2011, p. 85), “as mulheres são socializadas para conviver com a impotência: os homens – sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder. Convivem mal com a impotência. Acredita-se ser no momento da vivência da impotência que os homens praticam atos violentos, estabelecendo relações deste tipo”.

No entanto, problematizar a divisão sexual do trabalho não remete, a um pensamento determinista; ao contrário, trata-se de pensar a dialética entre invariantes e variações, pois se supõe trazer a tona os fenômenos da reprodução social, esse raciocínio implica estudar simultaneamente seus deslocamentos e rupturas, bem como a emergência de novas configurações que tendem a questionar a existência mesma dessa divisão.

Essa dominação patriarcal em SAFFIOTI (1987) está ligada a supremacia masculina na sociedade capitalista, está voltada para exploração da mão de obra assalariada, com o uso de tecnologia sofisticada no marco do capitalismo no século XV, com base na concentração de riquezas, na mão de poucos. Proporcionando a uma pequena minoria pagar salários que aceleraram a produção da mercadoria. Esses foram os proprietários dos meios de produção.

O patriarcado sucedeu às sociedades, foram se modificando de acordo com o lugar, a cultura e a religião, os modos de colonização trouxeram mudanças e conflitos na maneira de ser da mulher na sociedade, para (NETO, 2018, p. 59), o Brasil herdou o patriarcado por meio da colonização, nesse sistema patriarcal, as mulheres que aqui chegaram oriundas da Europa trazem modelos culturais, modelos de obediência ao homem, seus afazeres domésticos eram determinados pelos maridos.

O processo de colonização seguia o modelo das famílias Europeias, guiado pelo modelo latifundiário, escravista e patriarcal, na qual a posição da mulher na família e na sociedade era um fator determinante na organização social na sociedade brasileira. Outro aspecto a ser considerado no caso brasileiro:

A rigidez deste paradigma traz reflexos claros na formação da sociedade patriarcal nacional, a igreja disseminava a ideologia patriarcal e racionalizava seu significa Adão foi induzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão. É justo que aquele que foi induzido ao pecado pela mulher seja recebido, por ela como soberano. (NETO, 2018, p. 77).

No Brasil, o patriarcalismo teve grande influência da colonização portuguesa. Durante o período colonial e imperial, onde as relações sociais e econômicas se davam por meio rural, os homens eram considerados os agentes mais importantes da alta sociedade, tendo a posse das terras, da produção agrícola, dos escravos e do destino de sua família. As mulheres deveriam seguir as condições impostas pelos seus maridos, sem direitos a posses e a decisões, devendo cuidar do lar.

Tanto na Colônia como no Império, a dominação, estava sob o comando dos colonizadores portugueses, uniam-se com mulheres, socialmente submetidas a eles, eram africanas, escravizadas e indígenas, havia uma multiplicação de filhos fora do casamento. Essa exploração de do gênero feminino pelos colonizadores, por uma elite patriarcal, um modelo onde a autoridade do patriarca é passada aos filhos homens.

Esses patriarcas interferiam na vida social da sociedade, nos cargos, jogos políticos, espalhando na esfera pública e doméstica. A autoridade masculina sobre as mulheres estava não apenas nas práticas sociais, mas legitimada na legislação e no funcionamento do estado um sistema patriarcal que dificultava e reconhecimento de outras estruturas familiares.

No contexto brasileiro, assim como em outros lugares do mundo a inferioridade da mulher estava ligada a dominação do homem levando em conta a biologia preponderante do homem, com reflexo na força física tida como superior ao sexo feminino. Neto (2018, p. 89) “No início do século XIX, com a Independência brasileira, pouco se alterava neste contexto,

muito pelo fato da dita Independência, como sabido, não romper com as estruturas da época e ser, sim, resultado de uma composição entre a Corte portuguesa e os interesses ingleses e da classe dominante na colônia”.

Contudo verifica-se que ainda no século XXI, a mulher ainda vem sendo vítima do modelo patriarcal na sociedade, essas interpretações em conformidade com estudos teóricos para explicar os fatores e perpetração da violência doméstica, praticada por parceiro íntimo com reproduções do passado, como o pertencimento da mulher ao homem.

O passado colonial tinha como princípio da economia e política HOLANDA (1995, p. 82), o soberano de cada nação deve considerar-se como chefe ou cabeça de uma vasta família, e conseqüentemente amparar todos que nela estão como seus filhos e cooperadores para geral felicidade. Para Holanda (1995, p. 83):

Quanto mais o governo civil, se aproxima do caráter paternal, forceja por realizar essa ficção generosa e filantrópica, tanto ela e mais justa e filantrópica, tanto ele é mais justo e poderoso, sendo então a obediência a mais voluntária e cordial, e a satisfação dos povos a mais definida.

A família patriarcal, assim, é o grande modelo por onde hão de calçar, na vida política, as relações entre governantes e governados, entre monarcas e súditos, uma lei moral inflexível, superior a todos os cálculos e vontades dos homens, pode regular a boa harmonia do corpo social, e, portanto, deve ser rigorosamente respeitado. O primeiro modelo, que serviu de base para organização da sociedade colonial, envolvia uma superposição, de padrão português do regime estamental a escravidão de estoques raciais indígenas, africanos e mestiços.

Esse esquema para uma sociedade estamental e de castas do período colonial, os portugueses transplantam para o Brasil a ordem social que tinha vigência em Portugal na época do descobrimento, uma tentativa de preservar e de adaptar um corpo de instituições e de padrões organizatórios para criação de um novo Portugal.

Outro ponto a ser considerado, dentro do contexto patriarcal brasileiro é a divisão sexual do trabalho, que constituem as praticam sociais, assumindo formas conjunturais e históricas ordenando tarefas masculinas e tarefas femininas na indústria esta divisão de tarefas voltada sexo-gênero, se deu como legítimo, essa ideologia refletiu no cotidiano, segregando mulheres nas esferas reprodutivas e produtivas no processo de mediação, estabelecendo critérios que definiram a qualificação, das tarefas, dos salários que para Saffiot (1997, p. 62):

Tornando o gênero, raça/etnia como relações diferenciadoras do mercado de trabalho, pode-se afirmar, sem medo de errar, que em todas as sociedades

presididas pelo referido nó, formado pelas três contradições, o capital não obedece a aquela lógica abstrata que lhe permite prescindir do trabalho doméstico gratuito.

Compreender a história do povo brasileiro, regida pelo modelo patriarcal, marcada sem tréguas dos colonizadores sobre os índios, dos senhores sobre os escravos, dos fazendeiros sobre os camponeses, esse sistema teve como resultado político-econômico injusto, provocando desigualdades sociais, desrespeito as diferenças culturais a mulher índia, negra, e a imigrante.

Contudo, o paradigma patriarcal, construído historicamente, fruto da imaginação humana, se naturalizou, se impregnou no mundo, e vem apresentando sinais de crise, o dualismo dominante (homem), dominada (mulher), não se dá apenas do homem sobre a mulher, mas sobre homens sem poder e sobre a natureza.

### **3 OS ENFRENTAMENTOS MOBILIZADOS PELA REDE DE ACOLHIMENTO AS MULHERES VITIMAS DE VIOLÊNCIA EM MACAPÁ.**

#### 3.1 A Rede de Enfrentamento a Violência Doméstica

A rede de acolhimento e enfrentamento, tem se destacado no decorrer dos anos na luta contra a prática de violência contra mulheres. No Brasil, os movimentos feministas deram incentivo ao estado para a criação de instituições de acolhimento e enfrentamento. A partir dos movimentos foram criadas Redes de Atendimento a Mulheres (RAMs), delegacia especializada de crime contra mulher entre outras formas de enfrentamento.

Segundo MINAYO (2006) uma das primeiras conquistas na Prevenção da violência contra a mulher e papel da área de saúde no final dos anos 70 e início dos 80, no Brasil, a problemática da violência contra a mulher, foi trazida a público e politizada pelo movimento feminista e ganhou expressividade. Uma das conquistas da militância dessa causa foi a criação de serviços como das Delegacias Especializadas no Atendimento às Mulheres (DEAMs) que contribuíram para a transparência e ordenação de uma demanda que antes encontrava-se casual e oculta, as casas de abrigo e os centros de referência multiprofissionais que têm enfatizado, principalmente, a violência física e sexual cometidas por parceiros, ex-parceiros e companheiros.

De acordo com SAFFIOTI (1994) o efeito objetivado pelas feministas com a criação da DEAMs, foi plenamente conseguido: dar visibilidade a violência perpetrada contra mulher. Nos dias atuais fazem-se seminários e conferências sobre esta temática, escrevem-se artigos e livros, realizam-se mobilizações populares quando um agressor homicida ou estuproador que merece condenação é absolvido pelo júri popular ou pelo juiz.

Nota-se que, os movimentos feministas foram ganhando força ao longo das grandes lutas de forma que, a dominação masculina foi perdendo a exclusividade de poder e as mulheres foram conquistando direitos e se fortaleceram para lutar contra o machismo.

(...) A maior mudança está sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobre tudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do esforço generalizado, esta evidência passou a ser vista em muitas ocasiões, como algo que é preciso se defender ou se justificar. (BOURDIEU, 2002, pag. 106)

A criação de delegacias de polícia de defesa da mulher é resultado da ideia de que pessoas consideradas desiguais perante a sociedade não devem ser tratadas pelas mesmas leis. As delegacias especializadas criaram condições para que mulheres vítimas de violência denunciem seus agressores. Ao contrário de uma delegacia tradicional para diversos tipos de atendimentos, as delegacias especializadas para mulheres não admitem funcionários homens. SAFFIOTI (1987)

A lei 11.340 /2006, (Maria da Penha) surgiu como alicerce no enfrentamento dentro da legalidade para garantir o direito de mulheres vítimas de violência doméstica na sociedade.

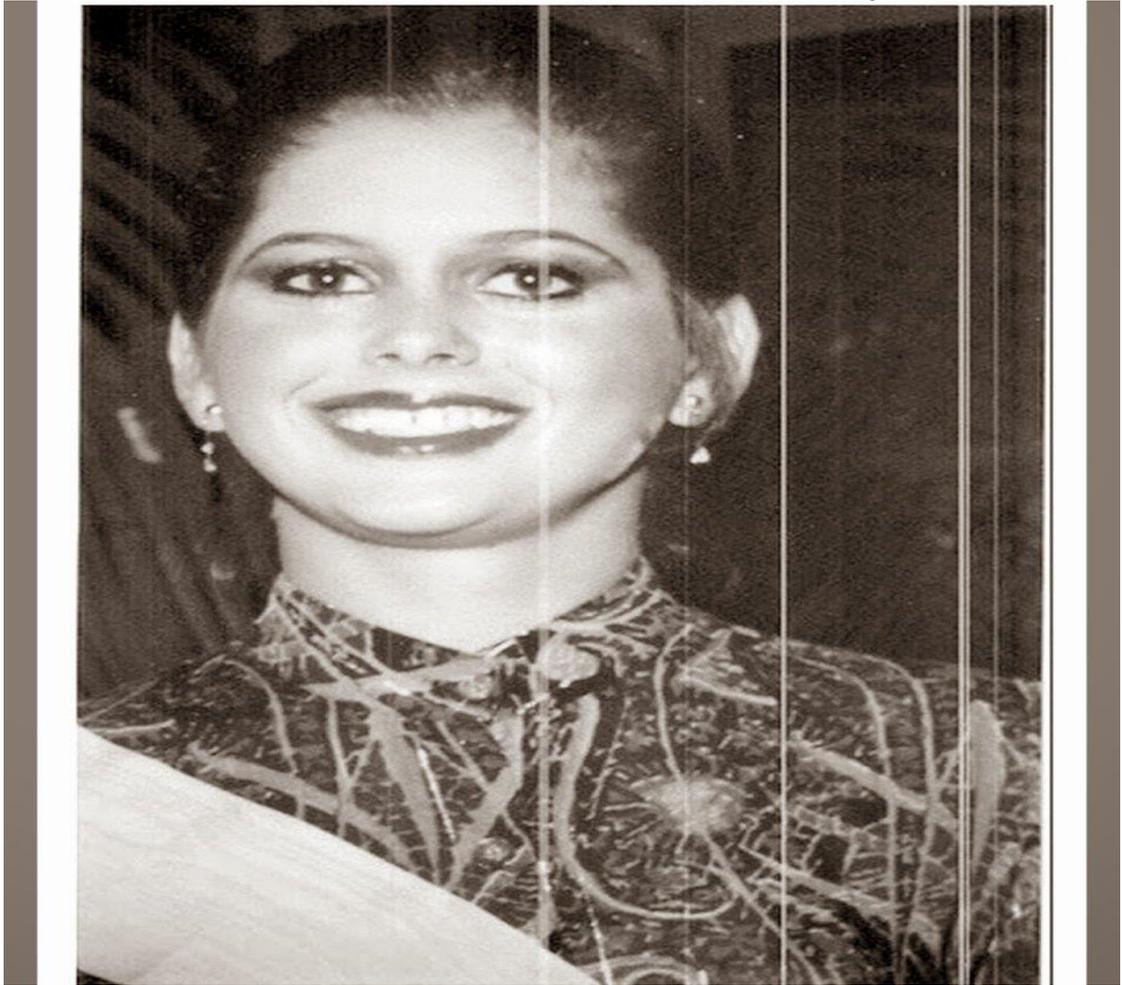
**Art. 1º** Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. (BRASIL, 2006, pag.16)

A rede de enfrentamento a violência contra mulher em Macapá, é constituída por centros de acolhimento e apoio a mulher, delegacia de mulheres, promotoria de justiça de defesa da mulher, casa de abrigo, secretaria extraordinária de política para mulheres e ainda conta com o tribunal de justiça, defensoria pública e ministério público do estado como instituições apoiadoras que somam junto a rede uma grande luta de conscientização, combate, assistência e garantia de direitos à mulheres vítimas.

A casa de abrigo Fatima Diniz, (CAFD) que atua como espaço de proteção e segurança sigilosa as vítimas com risco de morte, é uma homenagem póstuma a Maria de Fatima Nunes Diniz de 21 anos, uma jovem cidadã amapaense, miss Amapá no ano de 1992, mãe e universitária, que foi vítima de violência doméstica, brutalmente assassinada no ano de 1985, pelo seu companheiro e se tornou uma bandeira de luta contra a violência doméstica.

Esta casa de apoio foi criada pelo projeto de lei nº 0224/ 95, e funciona como abrigo de mulheres vítimas desde 2001, tem sido um suporte de socorro a muitas vítimas que tem ou tiveram coragem de denunciar seus algozes e pedir ajuda por acolhimento, desta forma conseguiram escapar de ameaças e da morte e só assim conseguiram sair do ciclo da violência que aterrorizava, em alguns casos por muitos anos vivenciados de sofrimento e desespero.

**FIGURA 1:** Fatima Diniz vítima de feminicídio no Amapá



Fonte: porta-retrato.ap.blogspot

A casa de abrigo, faz o acolhimento provisório de mulheres vítimas de violência doméstica e familiar com risco de morte por três meses, juntamente com filhos na idade de 0 a 12 anos. Para as abrigadas é restrito qualquer tipo de comunicação com pessoas fora do abrigo, é proibido o uso de celulares por uma questão de segurança, só é permitido saída para atendimento médico e audiência judicial com acompanhamento de psicólogo. As mulheres vítimas são encaminhadas pela delegacia de mulheres e pelo juizado de violência doméstica e familiar.

A rede de enfrentamento também conta com uma delegacia especializada de crimes contra mulher (DCCM), que recebe a mulher vítima defendendo e explicando seus direitos, tomando as medidas cabíveis de acordo com a denúncia apresentada, sobre a investigação e punição dos agressores, visto que em outras delegacias quando mulheres buscam por atendimento é apenas feito o registro da ocorrência e encaminhado para a delegacia especializada de crimes contra mulheres por ser mais apropriada em receber mulheres vítimas

de violência doméstica ou contra mulher para orientar, esclarecer os fatos e os direitos que cabem a estas.

**FIGURA 2:** Delegacia de Crimes Contra Mulheres em Macapá (DCCM)



Fonte: pesquisa de campo (junho / 2019)

A delegacia da mulher além de defender os direitos da mulher, e trabalhar na investigação dos crimes, também trabalha na identificação do perfil do agressor e com os pedidos de medidas protetivas de urgência, nos casos mais graves de violência doméstica e familiar contra mulher.

Além da Delegacia de crimes contra mulher, faz parte da rede de enfrentamento o Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) o referido centro oferece serviços psicológico, social e jurídico a mulher vítima de violência. Está ligado à Rede Estadual de Atendimento à Mulher- RAM (LEI 1764/13) com o objetivo de desenvolver e apoiar políticas públicas para mulheres vítimas de violência no estado do Amapá.

As mulheres que vivem em situação de violência podem contar com o apoio deste Centro e seus serviços para garantir na forma da lei, igualdade de oportunidades, prevenção e o enfrentamento da violência nas suas diversas formas (física, psicológica, patrimonial, sexual e moral) praticadas contra elas. O maior número de mulheres que buscam auto - ajuda neste centro são mulheres que vivem em vulnerabilidade social, dependem financeiramente dos companheiros e são as que mais tem dificuldades de sair do ciclo da violência por não

conseguirem sobreviver sozinhas sem nenhuma renda, desta forma o centro oferece oficinas artesanais onde estas aprendem a confeccionar e criar empreendimentos que auxilia a sua autonomia e empoderamento para sair da violência.

**FIGURA 3:** Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM)



Fonte: pesquisa de campo (junho / 2019)

Além do desenvolvimento de oficinas artesanais O CRAM, desenvolve, cursos de capacitações voltado para a comunidade em geral, almejando atingir o seu objetivo de informar homens e mulheres sobre violência doméstica através de palestras e distribuição de folders e através de seus cursos, capacitar as suas usuárias incentivando-as a ter sua própria renda, contribuindo assim para a quebra do ciclo da dependência financeira. (Relatório do CRAM, pesquisa de campo junho / 2019)

Segundo Soares (2005) para barrar e combater a violência contra as mulheres é necessário políticas públicas e uma articulação de diferentes serviços em uma rede integrada de atenção à mulher que vive em situação de violência, e isso é uma tarefa difícil.

Neste sentido observa-se que, muitas mulheres que buscam os serviços de acolhimento desejam mudar, se empoderar encontrar um refúgio de paz e sair do ciclo de violência, e é neste proposito que buscam ajuda junto a rede de enfrentamento.

Assim como o CRAM, o Centro de Atendimento à Mulher e a Família (CAMUF) também faz parte da rede de enfrentamento a violência doméstica e familiar criado a partir do decreto governamental de nº 4829, de 2005, porém este centro, se diferencia dos demais centros por acolher mulheres vítimas de violência doméstica e seus familiares, incluindo o companheiro, mesmo na condição de agressor. Oferece atendimentos psicossocial e jurídico que abrange toda a família.

Não se deve tratar apenas a mulher, mesmo que o homem seja o causador da violência e por isso mesmo também precisa ser tratado. Temos que dar um olhar de igualdade. A sociedade enxerga o homem como agressor, mas o CAMUF, busca entender que por trás da agressão existe um histórico familiar. Esse homem já foi criança e provavelmente conviveu com um pai alcoólatra e violento, com uma mãe submissa assim como, ele próprio pode ter sido vítima de violência ou abuso. Então aqui o foco é tratar a família. Não apenas a vítima. No acolhimento, ouvimos o homem e a mulher que relatam todo o problema pelo qual está passando. depois passa com assistente social, psicólogo em paralelo a tais atendimentos, é realizada Oficina de Homens, um grupo de auxílio onde são trabalhadas coletivamente todas as questões que envolvem a situação de violência na qual ele está inserido. Nesta oficina todos estão inseridos no mesmo contexto. Trabalhamos sem questionamentos ou acusações, sem preconceitos, de forma que esse homem se sinta à vontade para reconhecer que praticou a violência, é a partir deste momento que ele reconhece o erro e abre o caminho para uma mudança de atitude. (Psicóloga do CAMUF, Pesquisa de Campo, junho / 2019)

Segundo SAFFIOTI (2011) na situação de violência, as pessoas envolvidas na relação devem ter o desejo de mudar. É por esta causa que não se acredita numa mudança radical de uma relação violenta, quando se trabalha exclusivamente com a vítima. Pois esta sofre algumas mudanças, enquanto a outra parte permanece o que sempre foi mantendo seus hábitos, e com isso a relação pode, inclusive, tornar-se ainda mais violenta.

Para SOARES (2005) é necessário oferecer proteção para as mulheres em situação de violência. Porém, para superar o problema é necessário também buscar transformar o comportamento dos agressores, pois a mera punição os tornará ainda mais violentos. A não ser que acreditemos que os agressores de violência são todos criminosos irrecuperáveis, vale à pena investir em seu potencial de transformação e apostar na sua capacidade de mudança.

Todos percebem que a mulher vítima precisa de ajuda, mas poucos veem esta necessidade no agressor. Ambos precisam de auxílio para promover uma verdadeira transformação da relação violenta. Em vários países, esta indispensabilidade já foi apreendida há algum tempo, dando espaço para o atendimento de ajuda aos agressores. SAFFIOTI (2011)

O objetivo deste centro (CAMUF) é atender a mulher vítima de violência doméstica, o agressor, os filhos entre outros envolvidos na família. Contribuindo para o rompimento do ciclo da violência, através de orientações jurídicas, oficina para mulheres, oficina para homens e cursos de formação de multiplicadores.

FIGURA 4: Centro de Atendimento à Mulher e a Família (CAMUF)



Foto: pesquisa de campo, junho\2019

O CAMUF, funciona com uma sede em Macapá, e outra no município de Santana, conta com uma equipe técnica de profissionais de diversas áreas como psicólogos, advogados, assistentes sociais e pedagogos. O público que deseja atendimento podem buscá-los tanto de forma espontânea quanto como encaminhado pela Delegacia de Crime Contra Mulher (DCCM) ou pelo Centro de Referência de Atendimento Contra a Mulher (CRAM).

Os centros de referência são vinculados a Secretaria Extraordinária de Política para Mulheres (SEPM) que tem o papel importante e fundamental na organização de enfrentamento de formular, desenvolver, coordenar, apoiar e monitorar políticas públicas para promover a melhoria das condições de vida das mulheres vítimas que sofrem os mais diversos tipos de violência, visando criar projetos, mobilizar os vários enfrentamentos que acontecem, para ampliar e melhorar a qualidade dos serviços de atenção às mulheres .

**FIGURA 5:** Secretaria Extraordinária de Políticas Para Mulheres (SEPM)



Fonte: pesquisa de campo (junho / 2019)

Esta secretaria Extraordinária de Políticas para Mulheres (SEPM) além de gerenciar os Centros de Referências, na prevenção e atendimento às mulheres em situação de violência. Promove e apoia eventos, cursos, campanhas, palestras, encontros, feiras e atividades entre outros, referentes às datas simbólicas dos Direitos Humanos.

A rede também conta como aliados, o Tribunal de Justiça do Amapá (TJAP) e o Ministério Público do Amapá na luta como desenvolvimento de enfrentamentos a violência doméstica e contra mulher de modo geral.

Nas campanhas e projetos para o enfrentamento. Conta também com o Departamento de Direitos Difusos e Minorias, através da Defensoria Pública (DEFENAP), que atende especialmente crianças, adolescentes, demandas relacionadas a gêneros e minorias em vulnerabilidade social. Nos serviços ofertados, o referido departamento desenvolve o “Projeto de Defesa e Proteção dos Direitos da Mulher”, voltado a assistir mulheres vítimas de violência, seja física, psicológica, sexual ou qualquer outra.

Em entrevista ( pesquisa de campo, maio\ 2019) a defensora pública informou que: Com base na Lei 11.340 / 06, a DEFENAP, ingressa judicialmente com pedidos de Medida Protetiva de urgência, com vistas a garantir a integridade física e psicológica da vítima, familiares e testemunhas, requerendo, por exemplo, o afastamento do agressor, a proibição de aproximação

deste a pessoa da vítima, restrição ou suspensão dos direitos de visita do agressor aos filhos menores, pedido de alimentos provisionais e outras providências.

Aqui tem se logrado êxito no combate a violência, tem-se abrangido conquistas inéditas contra a violência doméstica, recentemente atendi uma mulher que foi vítima de várias agressões, inclusive a virtual. Ela acusava o ex-marido do qual é separada a 18 anos, com ele ela teve um filho, apesar do tempo de separação, ela afirma ser constantemente constrangida por ele com palavras vulgares, xingamentos, ameaças e perseguições nas redes sociais. Tem se tornado cada vez mais comum, ocorrências de publicações de fotos e vídeos íntimos de mulheres nas redes sociais, é um tipo de conflito mais moderno que tem repercutido bastante, o ato é praticado por parceiros que não aceitam o fim do relacionamento e que procuram atingir a integridade moral e psicológica da mulher. Esses fatos causam um abalo psicológico, denegrindo a reputação e ferindo a honra da mulher por constranger sua imagem perante um número incontável de pessoas. Em decisão do juizado de violência doméstica, a deliberação versa sobre a proibição do agressor de postar qualquer imagem, vídeo, mensagem ou áudio e que figure a pessoa da vítima, incluindo seu nome em redes sociais. Eu fiz a solicitação ao juiz e foi atendida. Os crimes cometidos na internet são previstos pela legislação penal e o autor dos crimes pode ser punido criminalmente. No código penal aplicam-se os crimes contra a honra e na lei Maria da Penha, conceitua a violência doméstica e familiar contra a mulher. (Defensora Pública, Pesquisa de Campo, maio \ 2019)

Nas informações prestadas pela promotora de justiça (pesquisa de campo, maio\ 2019) foi relatado que, a Promotoria de Justiça de Defesa da Mulher em Macapá, surgiu com a função de fazer o mapeamento da violência através do Sistema de Cadastro dos Casos de Violência Doméstica (SICAVID) desenvolvido pelo Ministério Público de Macapá, é um importante instrumento para o diagnóstico e para o planejamento das políticas de enfrentamento à violência contra a mulher, dando efetividade conforme os registros das atividades da Promotoria, na maioria dos fatos as vítimas não possui renda e o agressor recebe até um salário mínimo.

A informação confirma a percepção geral de que a violência contra a mulher é diretamente proporcional à vulnerabilidade social das famílias em geral e das mulheres em particular. Assim, as articulações de inclusão e de geração de emprego e renda são necessárias para se combater estruturalmente o problema da violência contra mulher.

Apesar das informações apontarem que a vulnerabilidade social e econômica está diretamente ligada ao índice de violência doméstica e contra mulher, os fatos mostram que muitas mulheres com bons empregos e de nível elevado de estudo também sofrem violência doméstica dos mais diversos tipos, porem nas delegacias de mulheres é mais comum mulheres

de baixa renda registrar ocorrências enquanto que as de outros níveis se preocupam mais em poupar a própria imagem e buscam resolver os conflitos mas na vara de família.

**FIGURA 6:** Promotoria de Justiça de Defesa da Mulher



Fonte: pesquisa de campo (junho\ 2019)

A promotoria de justiça de defesa da mulher, além de tratar do mapeamento da violência doméstica e do perfil econômico e social do agressor e das vítimas, atua no enfrentamento de combate a violência na divulgação de campanhas, visitando os espaços públicos como as escolas ministrando palestras educativas, vislumbrando a redução da violência contra mulher

Notou-se que, a mobilização pelo enfrentamento a violência doméstica e contra mulher organizada pelos centros é bem ampla no desenvolvimento de ações sociais que proporcionam a comunidade Macapaense, um atendimento coletivo e individualizado, levando informação, atendimento, acolhimento e empoderamento as mulheres vítimas do Estado.

### 3.2 Os Projetos e Campanhas

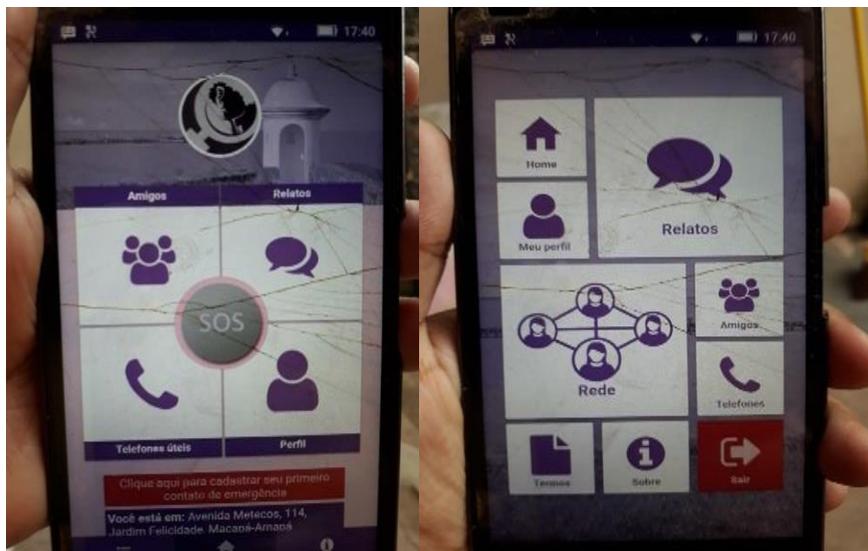
Os projetos e campanhas desenvolvidos pela rede de enfrentamento a violência contra mulher em Macapá, visa o empoderamento de mulheres e a conscientização de jovens e adultos da comunidade em geral a fazer parte de uma conscientização e luta coletiva unindo

forças contra a prática da violência doméstica e contra mulher, que tem se alastrado em ritmo acelerado ganhando destaque nas notícias locais .

Conforme a coordenadora da secretaria extraordinária de políticas para mulheres (Pesquisa de Campo, junho\2019) relatou sobre os projetos desenvolvidos pela rede de enfrentamento, que assim se refere:

O projeto “Denuncie Mulher Amapá” que desencadeou no aplicativo (SOS MULHER) totalmente desenvolvido pela equipe de tecnologia da informação do ministério público do Amapá em parceria com a prefeitura municipal de Macapá (PMM), em maio de 2018. É uma plataforma que funciona no Centro de Integração de Operações de Defesa Social CIODES, pode ser acessada, gratuitamente por qualquer pessoa que deseje instalar o aplicativo no seu celular, disponível para os sistemas operacionais Android.

FIGURA 7: aplicativo SOS mulher



Fonte: arquivo pessoal, pesquisa de campo, junho\ 2019

O aplicativo disponibiliza para as mulheres vítimas de violência uma ferramenta que permite identificar com rapidez as agressões sofridas e o local exato onde ocorrem. A intenção é agir rápido em socorro às vítimas, a mulher poderá cadastrar até cinco nomes de pessoas de sua confiança, que serão acionados em casos de emergência por meio de um botão do pânico. A partir daí, automaticamente, serão enviadas mensagens de socorro aos contatos cadastrados, com a exata localização da vítima.

Essa é uma estratégia nova que fortalece a luta contra a violência, é uma forma, mas prática de acesso a um pedido de socorro mais rápido, pois encoraja e incentiva que muitas vítimas quebrem a barreira do silêncio em busca de ajuda. Percebe-se que são inovadas técnicas e possibilidades que favorecem a defesa da mulher vítima de violência, propondo a estas, mais

facilidade de denunciar o agressor antes de ir para a delegacia para uma denúncia, mas esclarecedora e solucionada da situação pela qual está passando.

O projeto “*namoro sem violência*”, foi criado pela Secretaria Extraordinária de Políticas para as Mulheres (SEPM), teve como base, foi pensado e colocado em pratica após profissionais do Centro de Atendimento à Mulher e a Família (CAMUF) nas suas experiencias de acompanhamento de trabalhar na recuperação de mulher vítima e também do agressor, perceber que a violência começa nas relações de namoro onde muitas vítimas relataram violências desde o tempo de namoro. Diante disso surgiu a ideia de que os jovens precisam ser orientados e conscientizados para relacionamentos não violentos.

**FIGURA 8:** palestra educativa do projeto namoro sem violência na quadra escola pública Dom Pedro



Fonte: Alyne Kaiser (abril\2019)

O projeto é posto em pratica por meio de palestras e rodas de conversa, principalmente para o público jovem que vive suas primeiras relações de namoro, as palestras são levadas até as escolas públicas do estado com dinâmicas em grupo para que seja dada voz aos participantes, com apresentação de vídeos de conscientização e sensibilização.

O objetivo é prevenir abusos e promover a criação de espaços onde os jovens aprofundem uma consciência crítica sobre o impacto da violência nas relações de namoro, visando sensibilizar mudanças de comportamento nas relações nocivas entre jovens, visto que muitas vezes esta violência se inicia nas relações de namoro.

O referido projeto tem ganhado visibilidade social, e já acontece em formas de peças teatrais em homenagem ao mês da mulher (março) em algumas escolas públicas do estado do Amapá promovido por alunos que se disponibilizam em ampliar essa discussão com apresentação de trabalho em cartazes com palavras de conscientização pelo fim da violência contra mulheres.

**FIGURA 9:** palestra do projeto Namoro sem violência no Auditório Instituto Federal do Amapá



Fonte: arquivos do Cram, pesquisa de campo (agosto\ 2019)

Segundo Murta (2014) em muitos relacionamentos a violência começa no namoro, e se faz necessário um olhar de tratamento principalmente com os jovens quando iniciam as suas relações de namoro, orientando e conscientizando sobre a problemática da violência de gênero que assola gerações, visto que a violência nos relacionamentos de namoro abusivos tendem a se estender pelo casamento.

(...) Infelizmente, muitos casais que se relacionam de modo violento no namoro tendem a continuar fazendo uso da violência no casamento, o que também é nocivo para os filhos. As crianças, com frequência, aprendem a ver

a violência como normal e aceitável e o ciclo, se não for alterado por medidas preventivas ou de tratamento, tendem a se estender no tempo e entre gerações. (MURTA, 2014, pag.15)

No estudo de ficar e namoro de jovens brasileiros, MINAYO (2011) destaca, que muitas formas de violência nas relações afetivo-sexuais entre jovens costumam ter suas raízes nas experiências agressivas entre os pais e presenciadas pelos adolescentes, tipificando uma comunicação desrespeitosa recorrente, naturalizada, que afeta toda a família e se reflete na sociedade em geral. Esses comportamentos e atitudes, quando não influenciados para o respeito à subjetividade do outro, tendem a se reproduzir nas vivências de namoro e nas futuras relações conjugais. A autora ressalta que com orientações e diálogo é possível a transformação de comportamentos violentos.

(...) é possível atuar para mudar os comportamentos relacionais violentos. Várias experiências em curso em países como Estados Unidos e Canadá mostram êxito em atuações específicas para quebrar o ciclo e a lógica da violência, com benefícios para os rapazes e as moças em suas relações afetivo-sexuais no presente e no futuro. (MINAYO, 2011, pag.13)

Nota-se que os efeitos negativos e consequências extremas da violência necessitam de estratégias de enfrentamento no aspecto orientar, ouvir e conscientizar os envolvidos no ciclo da violência cooperar para transformação de ambos.

As crianças, com frequência, aprendem a ver a violência como normal e aceitável e o ciclo, se não for alterado por medidas preventivas ou de tratamento, tende a se estender no tempo e entre gerações. É por tudo isso que a violência nas relações amorosas deve ser prevenida ou eliminada o quanto antes. Quanto mais cedo cuidar, melhor. É mais fácil abandonar uma relação violenta quanto menor for o investimento na relação e o compromisso com o parceiro. (MURTA 2014, pag. 15)

O projeto “*Papo de Homem: Quebrando Paradigmas*” foi desenvolvido pela Secretaria Extraordinária de Políticas para as Mulheres (SEPM) através do Centro de Atendimento à Mulher e a Família (CAMUF), que sempre atua no combate a violência acreditando na superação da vítima e na recuperação do agressor, teve apoio do ministério público para a divulgação, as palestras são ministradas por mulheres e homens apoiadores.

Nas palestras do projeto *papo de homem: quebrando paradigmas*, é debatido a Lei Maria da Penha, o machismo, o problema da agressividade, o uso de álcool entre outras drogas, a separação, a guarda dos filhos, dentre outros temas. Este projeto conta com a participação de

homens engajados na luta pelo fim da violência doméstica como contribuinte nas palestras e mediador da temática.

Observa-se a importância do projeto *papo de homem: quebrando paradigmas*, que promove homens que se disponibilizam na luta apoiando o fim da violência contra mulher em que, se faz necessário a colaboração dos homens com as mulheres para se alcançar uma construção social de igualdade entre os gêneros e a paz nas relações sociais afetivas. O referido projeto tem incentivado muitos homens na luta contra violência doméstica fortalecendo a reflexão de que essa luta não é apenas de mulheres, mas é uma luta de todos com objetivo de coibir esta violência e desconstruir estereótipos machistas.

**FIGURA 10:** palestra do projeto *papo de homem: quebrando paradigmas* no auditório do ministério público de Macapá.



Fonte: arquivos do Camuf, pesquisa de campo, junho\ 2019

Este projeto é focado no combate e prevenção da violência doméstica e social, é levado para a comunidade, buscando promover uma convivência pacífica entre os gêneros, agregando os homens numa sociedade sem violência contra as mulheres, Propondo reflexão e conscientização desta problemática, tornando-os parceiros no enfrentamento à violência.

Segundo SAFFIOTI (1987) embora a luta por uma construção de igualdade social entre homens e mulheres seja difícil e árdua, dura e longa pode ser tentada esta possibilidade, ela pode conduzir a humildade a relação de troca de reciprocidade, enfim de amor. Basta começar

com coragem e convicção. Haverá tropeções, tombos, recaídas, mas a luz continuará acesa no fundo do túnel. vale a pena tentar, sobretudo para aqueles que são jovens, que ainda não viveram sequer um quarto de suas vidas.

Hoje em dia, muitos homens já descobriram que há várias maneiras de ser masculino e que eles também podem ser cuidadores e promotores da paz. Em vários países foi criada uma campanha de Homens pelo fim da violência contra a mulher. (SOARES, 2005, pag. 16)

Ao longo da história da luta pelo direito das mulheres, mesmo havendo grandes avanços na conquista de direitos e igualdade de homens e mulheres, onde até mesmo pequenos grupos de homens também tem abraçado essa causa, tem havido impacto, visto que são herdeiros de uma sociedade patriarcal que contesta quando estes buscam pacificidade e igualdade entre gêneros. Nos estudos sobre poder do macho (SAFFIOTI,1987) advoga que, o homem é considerado macho pela sociedade se este for capaz de disfarçar, inibir e sufocar seus sentimentos. A educação de um verdadeiro macho inclui necessariamente a famosa ordem “homem com H maiúsculo, homem não chora”.

SAFFIOTI, reitera, homens são forçados a segurar certas emoções pelo fato de serem homens.

(...) Quantos homens tiveram que engolir lágrimas diante da tristeza, da angustia, do luto, em nome desta norma de conduta! Pesquisas demonstraram que as glândulas lacrimais de determinados homens chegam a atrofia em virtude do desuso. Como um televisor, que quase nunca é usado, estraga-se, as glândulas lacrimais de homens que nunca choram deixam de produzir lágrimas. (SAFFIOTI, 1987, pag. 25, 26)

Homens são treinados para serem pouco afetivo e mais rígido quando relacionados a figura masculina. “os homens seriam socializados para serem agressivos, dominantes, competitivos e pouco encorajados a exprimir seus sentimentos. Em contrapartida, as mulheres seriam incitadas a se comportar de forma passiva, dependente e cooperativa e a reprimir sua cólera”. (MINAYO, 2011, pag. 94). “No momento em que o homem entender que ele também é prejudicado pelas discriminações praticadas contra a mulheres a supremacia masculina está ameaçada”. (SAFFIOTI, 1987, pag.8)

### 3.3 Manifestações dos Enfrentamentos.

De acordo com a coordenação do CRAM, (Pesquisa de Campo agosto \ 2019) As manifestações se dão principalmente em períodos especiais como no mês da mulher

“março” assim como em outras datas, levando até a comunidade palestras, e outras programações que visem orientações, conscientização da comunidade em geral e incentivos para o empoderamento de mulheres, entre as programações estão a feira da mulher criativa, verão sem violência, marcha das mulheres na zona norte entre outras.

**FIGURA 11: Manifestação Verão Sem Violência**



Fonte: arquivos do Cram, pesquisa de campo (junho\2019)

Verão sem violência, é uma programação promovida pelo Centros de Referência em Atendimento à Mulher (CRAM) dos municípios de Macapá, Mazagão e Santana que leva para a comunidade em manifestação pública, informando que o consumo excessivo de bebida alcoólica está ligado a quase 50% das ocorrências de violência doméstica e familiar atendidas pelos Crams. A manifestação usa o slogan “*não agrida, beba menos e ame mais*” percorre balneários na capital e também outros municípios, com abordagem e distribuição de panfletos informativos.

Percebeu-se, que muito além das palestras educativas a rede de enfrentamento se mobiliza fora dos centros e locais fechados, em manifestação pública nas ruas, busca conscientizar cidadãos das causas que desencadeiam a violência doméstica e contra mulheres incentivando por mais respeito às mulheres e menos ou nenhuma violência, num clamor de paz diante dessa problemática.

A programação “*feira mulheres criativas*” promovida pela SEPM, objetiva valorizar e empoderar mulheres de baixa renda que foram vítimas de violência, a maioria são mulheres que foram incentivadas pelo apoio do CRAM e CAMUF, a feira é realizada com peças artesanais e roupas confeccionadas que são produtos criados pelas próprias mulheres. Além da venda de produtos, as mulheres contam com apoio de atendimento médico, assistência social, psicólogos entre outras atividades. Este evento acontece desde 2017, realizados no mês da mulher.

**FIGURA 12:** Feira Mulheres Criativas



Fonte: arquivos do CAMUF (pesquisa de campo junho \ 2019)

As mulheres criativas dos produtos que são exposto na feira, são a maioria participativas das oficinas prestadas pelo Cram e Camuf, que já foram vítimas e tiveram o acolhimento feito por estes centros de apoio e que se deram oportunidade de aprender nas oficinas e confeccionar para ganhar sua própria renda e sair do ciclo da violência. esse é o papel dos centros trabalhar com políticas públicas para mulheres e contribuir para o empoderamento delas. Os projetos e oficinas criados para auxiliar mulheres no incentivo do empoderamento tem tido um saldo muito positivo por parte dos centros, temos conseguido mudar muitas tristes histórias de mulheres que conseguiram sair do ciclo da violência e viver num ambiente de paz. Algumas mulheres que foram acolhidas pelos centros, saíram do ciclo da violência, hoje caminham conosco nas palestras contando suas histórias de superação da violência que sofreram em suas vidas, incentivando outras mulheres a ter coragem e denunciar seus agressores e também ter a liberdade

de viver sem violência (coordenadora do CAMUF, pesquisa de campo, junho \ 2019)

A feira de mulheres criativas, surgiu como uma fonte de incentivo para mulheres em vulnerabilidade social, vítimas de violência doméstica a ter uma visão de empreendimento e pensar uma forma de ter sua independência financeira visto que, um dos fatores da mulher continuar no ciclo da violência é ser dependente financeiramente do companheiro agressor.

A “marcha de mulheres” é um evento que acontece desde 2016, é promovido por um grupo de mulheres da zona norte de Macapá, mulheres de todas as idades e profissões que fazem caminhada pelas ruas com cartazes, faixas e distribuição de panfletos cobrando o fim da violência doméstica, levando a reivindicação para bairros distantes. O grupo de mulheres conta com apoio do Cram, Camuf, e outras instituições para a realização da manifestação.

**FIGURA 13:** Marcha das mulheres na zona norte de Macapá



Fonte: Carlos Cardozo

A marcha tem ganhado destaque e aumenta a cada ano o numero de mulheres que participam da caminhada, na caminhada são usadas palavras de ordem como “mulher merece respeito, por nenhuma mulher a menos” além das palavras de ordem são levantados cartazes e faixas com imagem de mulheres que foram vitimas de feminicídio.

### 3.4 –As Possíveis Falhas no Enfrentamento a Violência Doméstica

Na problemática da violência contra a mulher a lei Maria da Penha e outras medidas legais ainda não conseguem de fato fazer com que a mulher que denuncia a agressão esteja isenta da violência de seu agressor. SAFFIOTI (1987) em seus estudos sobre violência de gênero destaca que de acordo com o código penal, no que concerne à violência contra mulher os crimes de homicídio tanto o simples quanto o qualificado, ainda deixam os agressores impunes, e isso fortalece a prática da violência.

(...) o Código Penal brasileiro prevê dois tipos de homicídio: o simples e o qualificado. Este último é mais grave, já que pode ser cometido por motivo fútil (dume, por exemplo) ou torpe (para obter vantagens de ordem material, por exemplo), e pode ser praticado com crueldade ou em circunstâncias que deixam a vítima totalmente indefesa. De acordo com o código Penal, a pena para o homicídio qualificado por qualquer das razões mencionadas é mais alta. Entretanto, mesmo quando o assassinio de mulheres por homens pode ser tipificado como homicídio qualificado, os matadores permanecem, geralmente, impunes. (SAFFIOTI, 1987, pag.35)

Em muitos momentos de sua obra, SAFFIOTI (1987) discorre sobre as falhas na política de enfrentamento na violência contra mulher.

A autora assim se refere:

O Brasil é conhecido como não cumpridor de leis. De fato, a nação tem milhares de leis que são sistematicamente descumpridas, não implementadas. Diz-se, vulgarmente, que aqui há leis "que pegam" e leis "que não pegam". Mas, por que há leis "que não pegam", se ao Estado, em seus vários níveis municipal, estadual e federal cabe zelar pelo cumprimento rigoroso da legislação? As leis não existem, segundo a ideologia liberal, para garantir os direitos dos cidadãos? Na medida em que há leis "que não pegam", que não são observadas, garante-se, na verdade, o direito de uns em detrimento, em prejuízo, do direito de outros. SAFFIOTI, (1987, pag.72)

A legislação paira como uma ameaça contra brancos que discriminam negros, pois estes podem a ela recorrer, a fim de defender seus direitos de cidadãos. Pode-se, portanto, afirmar que a situação de marginalização do negro seria ainda pior se não houvesse uma legislação específica, proibindo práticas discriminatórias contra ele. Como na prática brancos e negros não são iguais, faz-se necessária uma legislação que proteja os socialmente mais fracos, funcionando, pelo menos, como ameaça aos socialmente mais fortes. (SAFFIOTI, 1987, pag.78)

Processo semelhante ocorre com as mulheres. Socialmente fragilizadas pelas brutais discriminações praticadas contra elas, necessitam ser protegidas por uma legislação particular, que garanta, por exemplo, seu direito ao trabalho. já foi visto o alto grau de inobservância, de descumprimento da legislação protetora do trabalho feminino e da maternidade. Também foi ressaltada a necessidade de se lutar pela implementação destas leis e até mesmo de uma luta específica para melhora-las. Mas, pergunta-se, deveriam as leis ser iguais para homens e mulheres, quando se sabe que estas últimas sofrem as mais vexatórias discriminações? (SAFFIOTI,1987, pag.78,79)

Numa delegacia especializada, onde só trabalham mulheres, o ambiente é de solidariedade para com as vítimas, ao contrário do que ocorre nas delegacias comuns. Nestas, as vítimas, já grandemente fragilizadas pela violência sofrida, são objeto de chacotas com base na crença de que "mulher gosta de apanhar" ou "mulher que apanha agiu incorretamente". a dito popular "em briga de marido e mulher não se mete a colher" mostra eloquentemente a atitude machista de não tocar na sagrada supremacia do macho. (SAFFIOTI, 1987, pag. 79, 80)

Não obstante as leis que preveem penas para os agressores, os policiais, investigadores, delegados omitem-se nestes casos. Não cumprindo o que está estabelecido pelas leis, a polícia torna-se cúmplice do agressor masculino. Este "não meter a colher em briga de marido e mulher" cria condições para homicídios. Conhecem-se centenas de casos de mulheres que, estando sendo ameaçadas de morte pelo companheiro, solicitaram proteção a polícia. Como esta não deu a menor importância a solicitação destas mulheres, elas acabaram sendo assassinadas pelos companheiros. os tribunais, lamentavelmente, não se comportam de forma diferente. Mulheres vítimas de violência são, frequentemente, transformadas em réis, inclusive depois de mortas. (SAFFIOTI, 1987, pag. 80)

O tratamento que as mulheres recebem nas delegacias tradicionais é ainda pior, quando se trata de casos de estupro. O poder do macho leva os policiais, os investigadores, os delegados a se atribuírem o direito de propor manter relações sexuais com a mulher violentada, pois esta é considerada uma mulher disponível, uma mulher para uso e abuso de todos. A crença que está por trás desta conduta é a de que a mulher não é propriamente violentada, mas que ela se comporta como sedutora. Na medida em que, na cabeça dos homens em geral e especificamente dos agentes da lei, policiais, juízes, promotores a mulher é diabólica, seduzindo o homem inocente, ela é imediatamente convertida de vítima em ré e é nesta última condição que normalmente é posta, recebendo o tratamento correspondente. (SAFFIOTI, 1987, pag. 80)

Nos depoimentos de agentes sociais, que trabalham nos serviços de acolhimento nos centros de apoio de Macapá, houve relatos de queixas sobre algumas dificuldades sobre a questão de amparo por parte do estado com relação a estrutura dos centros de apoio.

(...) Os centros precisam de mais apoio por parte do estado, o espaço aqui é muito pequeno não suporta um número grande de mulheres, as salas não tem equipamentos necessários para um bom acolhimento, aqui tem mulheres que chegam bastante fragilizadas algumas até precisam de um atendimento médico de imediato e nós não temos esse suporte, então temos que acompanha-los até um pronto atendimento e lá também é complicado porque tem uma demanda muito grande, então dentro de todo esse processo, se faz necessário mais políticas públicas para auxiliar os centros de apoio na política de enfrentamento que existe, mas precisa de um suporte maior para dar um apoio mais adequado para as vítimas que chegam até aqui em busca de acolhimento. (coordenadora do CRAM, pesquisa de campo agosto\ 2019)

Boa parte das vítimas que contribuíram com suas falas para este estudo relataram a demora da justiça para determinados atendimentos, nos casos de medidas protetivas quando voltam a ser ameaçadas recorrem a justiça várias vezes para ser atendida novamente. Isso mostra que a demora nos processos de atendimento pode levar uma mulher vítima de violência ao feminicídio, visto que as mulheres recorrem porque estão sendo perseguidas e ameaçadas.

É necessário que haja um olhar mais voltado para a mulher, de forma digna e com respeito por toda a sociedade. Enquanto isso não acontece, as mulheres buscam romper as barreiras do silêncio, do medo e principalmente da falha na impunidade para esses delitos. Somente assim, pode haver uma redução desse tipo de violência, visto que nem todas as mulheres denunciam seus agressores, mas entre a dúvida e a segurança diante das punições muitas mulheres buscam possibilidades e meios para evitar novas agressões para preservar seus direitos, mesmo na incerteza e insegurança em relação ao seu amanhã.

denúncias que são feitas na delegacia como agressão verbal e insultos que não deixem marcas visíveis na vítima, não tem muita credibilidade como agressão por parte da delegacia, tem que ter provas concretas para referida denuncia, caso contrário fica transparecendo informação duvidosa e acaba contribuindo para uma agressão mais grave ainda por parte do agressor. Como foi ouvido no relato de uma das vítimas deste estudo:

meu marido começou a me agredir a cinco anos com empurrões , xingamentos e palavrões, perdoei muitas vezes antes de fazer a primeira denúncia e quando denunciei ele negou os fatos, como não tinha marcas simplesmente não teve punição para ele, porque não tinha provas nem testemunhas, pois acontecia

dentro de casa quando estávamos a sós, após algum tempo me agrediu novamente foi quando ele me bateu e me deu um tamanho soco que quebrou meu maxilar, registrei uma nova denúncia e foi só ai que ele foi punido, isso foi terrível, fiquei internada até me recuperar, mas até hoje carrego comigo a tristeza e o medo de tudo que vivi. (RUBI)

Neste sentido, os acontecimentos mostram que, se as punições e as medidas fossem efetuadas de forma mais ágil haveria tempo para impedir uma violência, mas acentuada por parte do agressor e dar segurança maior para um pedido de socorro à vítima.

Entretanto, mesmo quando o assassinio de mulheres por homens pode ser tipificado como homicídio qualificado, os matadores permanecem, geralmente, impunes. a fato de ser gigantesco o número de assassinos de mulheres que são absolvidos pela justiça oficial incentiva este tipo de "justiça" praticada pelas próprias mãos. Isto deriva do fato de que o adultério, embora legalmente seja considerado crime para ambos os cônjuges, na verdade, só constitui ato criminoso quando praticado por mulheres. (SAFFIOTI, 1987, pag. 35, 36)

Segundo PASINATO (2015) operadores jurídicos quando questionados sobre essas categorias, dão como respostas que, por exemplo, o entendimento da violência psicológica é feito de forma superficial, limitada aos tipos penais de ameaça, constrangimento ilegal e injúria, mas o registro dessa violência que não deixa “marcas visíveis” é dificultado pela falta de provas.

Enfatiza:

Situações em que as mulheres chegam à delegacia requerendo o afastamento do agressor da casa ou afirmam querer a separação conjugal são percebidas pelas delegadas de polícia como uma forma de obter a separação rapidamente e sem passar pelas varas de família. Para isso, segundo as policiais, as mulheres mentiriam, inventariam histórias de ameaças para as quais não possuem provas. Expressões como “disque-separação” e “separação express”, empregadas pelas policiais para se referir ao comportamento das mulheres, revelam o descrédito que essas profissionais atribuem a essas solicitações. (PASINATO, 2015, Pág. 119,120)

Nota-se que, a mulher sofre descaso até mesmo pelas instituições que estão na linha de frente no combate a violência contra mulher, e se sentem impotentes diante de determinadas situações nas quais buscam ajuda na segurança de sua integridade física ameaçada pelo parceiro agressor. uma parcela da sociedade enraizada na cultura machista patriarcal inferioriza a mulher em detrimento do homem. Como explica Saffioti (1987) a mulher vítima submissa, que aceita

o machismo sem reclamar, dando todo direito de poder ao homem é aplaudida por parte sociedade.

(...) Na qualidade de vítima, de sofredora, de quem aceita, sem reclamar, seu destino de mulher, merece aplausos por parte da sociedade. Se, contudo, decide infringir a norma e desfrutar do prazer junto a um amante, merece, de acordo com a cartilha da ideologia dominante, ser assassinada pelo marido. Este considera, e o faz legitimamente do ponto de vista da sociedade, ter tido sua própria honra manchada pelo comportamento da mulher. Muitas vezes, a mulher nem sequer chegou a consumir o chamado "mau passo". A partir de uma mera suspeita de que sua esposa se interessa por outro homem, o marido julga-se no direito de ceifar-lhe a vida. (SAFFIOTI, 1987, pag. 35)

Bourdieu (2002) Reitera:

(...) as mulheres são excluídas de todos os lugares públicos (assembleia, mercado) em que se realizam os jogos comumente considerados os mais sérios da existência humana, que são os jogos da honra. E excluídas, se assim podemos dizer, a priori, e nome do primeiro (tácito) da igualdade na honra, que exige o desafio, que honra quem o faz, só seja válido se dirigido a um homem (em oposição a mulher) e a um homem honrado, capaz de dar uma resposta que, por representar uma forma de reconhecimento é igualmente honrosa. (BOURDIEU, 2002, pág. 62)

De acordo com SAFFIOTI (2011) muitas mulheres quando se sentem ameaçadas e perseguidas após o fim de um relacionamento solicitam proteção policial, mas nem sempre tem o atendimento e a atenção merecida e podem chegar ao feminicídio.

SAFFIOTI, explica que em uma de suas pesquisas sobre violência de gênero feitas pelo Brasil constatou que:

Nos anos escolhidos para a investigação sobre violência doméstica, a legislação então vigente previa penas de privação da liberdade mesmo para crimes de baixo potencial ofensivo, mas raramente um homem era detido a primeira vez que espancava sua mulher. Mesmo na reincidência, a impunidade grassava solta. Os baixos índices de condenação ilustram grosseiramente este fenômeno. A rigor, não bastava ser condenado, mas seria necessário cumprir a pena. Ora, o que ocorria em muitos casos era a evasão do sentenciado, havendo milhares de mandados de prisão sem cumprimento. A situação anterior à Lei 9.099, portanto, não era adequada ao combate da violência doméstica. Todavia, a nova legislação tornou-a ainda pior, na opinião da maioria de profissionais desta área e desta pesquisadora. Como já se revelou, os operadores do Direito, inclusive o advogado do povo (promotor), implementam-na com tal desprezo pelas vítimas, com tanto sexismo, que conseguem torná-la bem pior. Eis por que tais profissionais carecem de qualificação em relações de gênero. (SAFFIOTI, 2011, pág. 93)

É subentendido que ainda existem muitas falhas no enfrentamento do combate e prevenção à violência contra mulher, é necessário mais seriedade e compromisso da sociedade como um todo por esta causa, onde o estado proponha rigor maior nas leis e mais políticas públicas como suporte na luta contra violência, para que as mulheres tenham mais liberdade e vivam em segurança e tenha de fato os direitos humanos que merecem, direito de igualdade, direito de viver após o fim de um relacionamento afetivo e de viver a vida sem agressão dentro dos seus lares, visto que muitas mulheres morrem até mesmo por meras suspeitas de seus companheiros.

Neste sentido é possível entender que muitas mulheres morrem simplesmente por um pensamento imaginário que é criado na mente do agressor, movido pelo ciúme que passa a ser válido como verdade para este, levando a cometer tais atrocidades contra suas vítimas que em muitas situações não conseguem escapar dessa barbárie.

## **4 O CRESCIMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM MACAPÁ ANOS 2017/ 2018.**

### **4.1 O Crescimento Ilimitado da Violência**

A violência em nível nacional cresce em disparidades alarmantes, ao decorrer dos anos, de acordo com SAFFIOTI (1994) a cada quatro minutos é registrado, uma agressão física contra mulher no Brasil, por dependência financeira ou emocional vinculada a outras situações, em relação ao companheiro, da presença de filhos e de seu sentimento de vergonha, a maioria das vítimas não denunciam as agressões.

Dados estatísticos mostram que em todos os estados do Brasil, milhares de mulheres sofrem violência dentro e fora de suas casas. Conforme SAFFIOTI (1984) no Brasil, no quadro de agressão as vítimas, as mulheres representam 68,8%, ou seja, praticamente dois terços em números absolutos, são 144.358, mulheres contra 74,997 homens.

Segundo Silva (2010) No cenário mundial a violência aparece como um problema afável que alimenta e ecoa nos debates internacionais, que desencadeia num contínuo que parece não ter fim, invadindo o cotidiano sob o centro das atenções que enquadram atores e lugares que se sucedem rapidamente, desvendando casos que, são divulgados logo em seguida, nos arredores da sociedade. Ela é comparada, como se fosse um vírus ou bactéria altamente contagiosa, como uma endemia ou epidemia, como planta que estende suas raízes, seus brotos, suas ramificações, com ímpeto sempre renovado, gerando a sensação de ter tomado conta do mundo.

SAFFIOTI (2011) esclarece que, enquanto animais irracionais comem, dormem, produzem no seu mais prazeroso sossego, mulheres são espancadas, humilhadas, estupradas e, muitas vezes, assassinadas por seus próprios companheiros e, com frequência, por ex-companheiros e ex-namorados. Sobretudo quando a iniciativa do rompimento da relação é da mulher, esta perseguição se estende de forma que tal situação pode chegar ao feminicídio. SAFFIOTI (1994) acrescenta que, 70% dos casos, os homicídios de mulheres são cometidos por “ex-maridos, ex- amantes e ex-namorados inconformados com a separação”

No estado do Amapá, a demanda crescente de violência contra a mulher de modo geral, no decorrer dos últimos anos tem sido pauta para debates, protestos, campanhas entre outros enfrentamentos.

Nos jornais e na mídia local tem se tornado destaque nas notícias semanais, nas ruas é possível perceber manifestações quando acontece um crime com requintes de crueldade, em

alguns pontos da cidade como informes em outdoors com slogans, em forma de conscientização para dizer “não a violência contra mulher” assim como alguns protestos pelas ruas com cartazes e dizeres repudiando a pratica da violência.

**FIGURA 14:** Outdoor em frente ao Tribunal de Justiça do Amapá, conscientização pelo fim da violência doméstica



Fonte: pesquisa de campo (junho\2019)

Informes como este são anexados em frente de outras instituições pela cidade de Macapá, para chamar a atenção da sociedade por um problema que diz respeito a todos e para provocar a consciência das pessoas para um combate maior a violência praticada contra mulheres.

Outras formas de manifestações pelas ruas em forma de protestos são criadas e levadas até a comunidade para trazer visibilidade do problema que assola as mulheres dentro e fora dos lares, que por muitas situações silenciam por medo do que possa acontecer depois de uma denúncia e assim continuam no cárcere do sofrimento como vítimas por muitos anos ou até mesmo pelo resto da vida. Neste sentido, o objetivo das mobilizações também é informar

mulheres de seus direitos e deveres, e encorajar a denunciar seus agressores e sair do ciclo da violência

**FIGURA15:** Faixas na rua em forma de conscientização pelo fim da violência



Fonte: arquivos do Cram, pesquisa de campo (Junho/ 2019)

Mesmo diante de muitas manifestações e protestos a violência doméstica não para de crescer. Conforme Lúcia Saraiva (2017) nos dados da (DCCM) Delegacia de crimes contra mulher mostraram que, no ano de 2017 foram registradas 3.530 ocorrências de janeiro a julho de 2017, com maior incidência nos finais de semana sendo 80% de violência doméstica praticadas por companheiros, ex-companheiro e namorados, poucos fogem desse parâmetro sendo pai ou irmão. A grande maioria são aqueles que não aceitam o fim do relacionamento. De 3.530 casos registrados mais de 40% são de crimes de ameaça, violência física, e psicológica, a partir da denúncia registrada a delegacia encaminha para a justiça que faz o afastamento do agressor.

Diante dos informes, percebe-se que no quantitativo de violência contra mulher o maior indicativo é de violência doméstica, praticada por companheiros ex-companheiros e namorados. Segundo MALDONADO (1997) *As agressões contra mulheres cometidas por seus maridos e companheiros são a forma de violência mais comum em todo mundo.*

Maldonado destaca que:

Os índices de violência em suas várias expressões, inclusive no Brasil. Em alguns lugares, a intensidade da violência tem sido tão alarmante que passou a ser considerada uma epidemia, portanto um problema de saúde pública, que precisa ser resolvido combinando vários tipos de atuação, para atingir as raízes da violência e construir programas eficazes de controle e prevenção do comportamento violento. (MALDONADO, 1997. pág. 30)

De acordo com Victor Vidigal (2018) a Delegacia de Crimes Contra Mulher em Macapá, registrou, 7.230, denúncias de violência contra a mulher de janeiro até novembro de 2018, sendo, 6.021 registro de boletins de ocorrência feitos na delegacia e 1.209 por ligação no número 180, de crimes em que a mulher foi alvo de agressões tanto físicas quanto psicológica, segundo a delegada, o índice de 2018 é maior do que o registrado em 2017, sendo a maioria praticadas por ex- companheiro que geralmente já estão em outro relacionamento mas não aceitam não as relações sexuais, não aceitam não as frequências de visitas nas casas, não aceitam não a entrada na casa a qualquer hora. E com isso causa os conflitos. Dentre os casos estão lesão corporal, ameaça de morte e crime contra a honra.

Na questão das denúncias qualquer pessoa pode denunciar seja presencialmente, ou seja, por ligação, a identidade do denunciante e da testemunha será mantido em sigilo pelas autoridades policiais.

Em entrevista com um capitão da PM, do Centro Integrado de Operações e Defesa Social (CIODES) informou que foram registradas no ano de 2017, 8.187 em 2018, contabilizou 7.859, em denúncias de violência contra mulher. De forma que, as denúncias são feitas por ligação 190 e também pelo aplicativo “SOS MULHER” que fica no box da mulher instalado central de atendimento, no Centro Integrado de Operações em Defesa Social (CIODES).

Muitos casos são denunciados por meio de ligação mas, quando a polícia se dirige até o local o agressor já se evadiu e muitas vezes a ligação não é feita pela mulher é feita por vizinhos e nem sempre a mulher aceita ir à delegacia pra fazer a denúncia, ou seja muitas mulheres não denunciam, estes são apenas casos que ficam registrados aqui no CIODES (Capitão PM, pesquisa de campo agosto\ 2019)

**QUADRO 1:** Dados de registro da DCCM

Ano 2017	3.530
Ano 2018	7.230

Fonte: pesquisa de campo, agosto / 2019

**QUADRO 2:** Dados de registro do CIODES

Ano 2017	8.187
Ano 2018	7.589

Fonte: pesquisa de campo, (agosto / 2019)

Nos informes da (DECCM) Delegacia Especializada de Crime Contra Mulher foi relatado que, a violência que mais acontece contra as mulheres é a violência física provocada pelo uso da força causando lesões, empurrões entre outros e a violência psicológica, praticada por meio de intimidação, pressão psicológica, frustração, opressão, diminuição da auto - estima.

“A violência mais recorrente é a física e a psicológica, as maiores queixas é lesão corporal, ameaça de morte e difamação, opressão entre outras a demanda é muito grande, e a grande maioria dos agressores são companheiros ex-companheiros, namorados, irmãos, pai ou padrasto são a minoria nem todas as mulheres que são vítimas denunciam, então não tem como quantificar com exatidão a totalidade de mulheres vitimizadas” (Delegada, pesquisa de campo 2019)

De acordo com SAFFIOT (1995) ignora-se a proporção de crimes no Brasil praticados contra a mulher com a relação a totalidades, trata-se, apenas, de números relativos que revela o universo das vítimas investigadas, como se o universo fora completamente fechado. Não tem como oferecer os números absolutos nem o número total de crimes, não tem como concluir o percentual de mulheres brasileiras que sofrem violência.

No relatório do CRAM, o levantamento anual de 2017, na cidade de Macapá, foram feitos 126 acolhimentos e 203 atendimentos, realizados em residência, em via pública e no próprio CRAM, sendo a maioria dos casos violência psicológica. Enquanto que no período que compreende o ano de 2018, foram registrados 129 acolhimentos e 256 atendimentos, apenas no município de Macapá, sendo com o maior índice a violência psicológica e violência física com demanda maior de violência psicológica. (Relatório do CRAM, pesquisa de campo, 2019).

As mulheres que chegam até aqui para os atendimentos e acolhimentos, chegam com sensação de stress bastante desgastada emocionalmente, choram demais não consegue organizar suas ideias, as vezes estão tão desorientadas que o posto de saúde é perto da casa, mas ela não consegue ir sozinha apresentam um estado de pânico e de depressão. Então trabalhamos de imediato no relaxamento dessa tensão e o resgate da autoestima para fortalecer a saúde mental”. (psicóloga do Cram, pesquisa de campo, 2019)

Conforme MINAYO (2005) A violência contra a mulher compõe uma questão de saúde pública, vai além de ser uma infração clara dos direitos humanos. Estima-se que esta violência

cause mais mortes às mulheres de que o câncer, a malária, os acidentes de trânsito e as guerras. Suas arbitrariedades como opressão, dominação e crueldade incluem assassinatos, estupros, abusos físicos, sexuais e emocionais, prostituição forçada, mutilação genital, violência racial entre outras. Os autores da violência costumam ser parceiros, familiares e conhecidos.

Num estudo semelhante a este MALDONADO (1994) relata que os índices de violência são altíssimos que chegam a ser alarmantes em alguns lugares inclusive no Brasil, que passaram a ser consideradas uma epidemia, por tanto um problema de saúde pública, é necessário haver inúmeros tipos de atuação com intuito de construir programas de controle e prevenção da violência.

Segundo relatório estatístico de violência doméstica da Promotoria de Justiça de defesa da Mulher de Macapá, em 2018, foram registrados 1.307 casos de violência doméstica, o levantamento foi realizado através do Sistema de Cadastro de Casos de Violência Doméstica (SICAVID). Sendo que estessão os casos que viraram inquérito e foram judicializados, em 51 % dos casos o agressor vítima e agressor moram no mesmo domicílio, 22 % ocorrem em domicílios pertencente as próprias vítimas tendo apenas elas próprias como testemunhas 34 % das agressões ocorrem durante em horário noturno 12% se dão e locais públicos constrangendo as vítimas. 83%, dos agressores e vítimas possuem vínculos afetivos, 12 % possuem grau de parentesco pai, irmão, filhos, primo e 65% namorados e ex-namorados.

77 % dos casos são reincidentes, as mulheres relataram que já sofreram outras vezes a agressão. As causas principais das agressões é consumo de álcool, comportamento controlador entre outros. E os bairros com mais registros de violência é buritizal, congos, novo horizonte e novo buritizal, sendo 50% violência física com lesão corporal, psicológica 33% e 11%, violência moral calunia e difamação.

Para (MALDONADO, 1994) existem vários fatores que desencadeiam a violência doméstica, como, stress, desemprego, baixos salários, filhos não desejados, uso de drogas, alcoolismo, problemas psicológicos, história de abuso quando criança e fanatismo religioso.

Nos dados da DEFENAP, no que corresponde ao (Núcleo de Defesa de Direitos e Minoria) que presta atendimentos á mulheres vítimas de violência doméstica, constatou-se que no ano de 2017, foram atendidas 3.065, mulheres em atendimentos diversos e em 2018, contabilizaram 3.594 atendimentos. O referido núcleo assiste mulheres em situação de violência doméstica e familiar, que inclui agressão física, verbal, psicológica, sexual, ameaça entre outras violências.

**QUADRO 3:** Dados de registro da DEFENAP, de medidas protetivas e casos que são judicializados.

Ano 2017	3.065
Ano 2018	3.594

Fonte: Relatório do Direitos Difusos e Minoria, Pesquisa de Campo, (junho / 2019)

A demanda maior de atendimento a violência contra a mulher está relacionada a assistência às vítimas de violência doméstica em que, na maioria dos casos, a mulher que busca esse tipo de atendimento de medida protetiva aqui, chega bastante fragilizada, amedrontada por medo do que possa acontecer com ela, necessitando de ajuda psicológica e de proteção e segurança diante da ameaça e do medo do agressor (Defensora Pública, pesquisa de campo, junho / 2019).

Diante dos fatos apresentados, percebe-se que as violências de caráter doméstico são caracterizadas em aspectos diversos, maltratam, ferem, deixam marcas visíveis no corpo, no entanto a violência psicológica afeta profundamente as vítimas aviltando sua auto-estima. MALDONADO (1994) descreve esta violência num fator que não se restringe apenas em bater e ferir fisicamente, mas, relata a violência psicológica que humilha e deprecia, quando esta acontece com frequência prejudica a formação da auto - estima. De acordo com MINAYO (2011) “para as mulheres a violência psicológica e as agressões verbais são consideradas por elas mais graves do que as físicas, pois se sentem afetadas na autoestima e na confiança quanto ao parceiro”.

MINAYO (2011) acrescenta que, grandes agressões verbais muitas vezes têm o poder de ferir profundamente uma pessoa, dependendo da forma em que são proferidas e da situação de cada relação. Nesse sentido, é natural que principalmente as mulheres sejam psicologicamente atormentadas e controladas por homens que nunca as tocaram com a força física.

De acordo com a coordenadora do CRAM,(pesquisa de campo\ 2019) as mulheres vítimas que chegam neste estado de saúde mental fragilizada, são atendidas primeiro por um profissional psicólogo, e depois são tomadas outras medidas de encaminhamento para outros centros como, CAMUF, DCCM ou DEFENAP, de acordo com a queixa de cada uma das vítimas.

As medidas protetivas, São feitas com base na Lei 11.340/06, Maria da Penha, a Defensoria ingressa judicialmente com vários pedidos de Medida Protetiva de Urgência, com vistas a garantir a integridade física e psicológica da vítima, familiares e testemunhas. Os pedidos requerem, por exemplo, o afastamento do agressor; a proibição de se aproximar da vítima; restrição ou suspensão dos direitos de visita do agressor aos filhos menores; pedido de alimentos provisionais e outras providências.

Os casos de mulheres vítimas de violência doméstica que chegam a DEFENAP, no departamento de direitos difusos e minorias, são especialmente aqueles que vão para os casos que são judicializados.

A violência doméstica é uma triste realidade infelizmente, aqui temos que nos preparar psicologicamente e espiritualmente para ajudarmos as vítimas que chegam até nós, porque certos tipos de atendimentos nos comovem profundamente. Já atendi várias idosas que foram agredidas por filhos, em outros casos também ouvimos mulheres que são agredidas na frente dos filhos, esse tipo de violência não afeta só a mulher afeta também os filhos. Ou seja, de certa forma afeta a família.(Defensora Pública, pesquisa de campo, 2019)

Nos casos das agressões sofridas, relatadas pelas mulheres que são agredidas dentro de suas próprias casas, onde os filhos presenciam visivelmente a violência praticada contra elas, estes conflitos de certa forma problematizam psicologicamente e incentivam as crianças e os jovens filhos, futuramente a reproduzir os mesmos comportamentos que presenciam entre seus pais.

Nos estudos de MALDONADO (1994) sobre reduzir a violência e construir a paz, explica que, existe a exposição traumática de crianças e jovens à violência, não só como vítimas, mas como observadores os filhos presenciam diretamente as agressões, brigas e até assassinatos da mãe pelo companheiro dentro de casa. Ressalta que a violência doméstica traz em si noção cultural e socialmente construída, aquilo que é imposto na formação do indivíduo, como proteção, castigo como instrumento pedagógico é de ordenamento familiar e de dominação do mais forte. Isso conseqüentemente pode vir a ser reproduzido.

Conforme Bourdieu (2002) “à família cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculina, é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima garantida pelo direito”. Nos depoimentos de agentes sociais que contribuíram para esta pesquisa, da delegacia e os centros de acolhimentos na cidade de Macapá em sua maioria apontam que, a violência psicológica e violência física são os maiores índices, os atos violentos acontecem dentro do lar e não tem como quantificar de modo geral, porque nem todas as mulheres denunciam, muitas procuram apenas acolhimento e ajuda psicológica.

Dados semelhantes foram encontrados nos estudos de SANTOS (2004) ao destacar que em cada três casos violentos, um envolve o gênero feminino e que as agressões acontecem dentro de casa, na sua maioria não são computadas, graças a omissão da própria vítima que devido as ameaças sentem-se paralisadas pelo medo, as agressões contra mulher aviltam sobretudo sua psique, a violência em regra geral traz conseqüências gravíssimas.

Conforme Sandra Dias, (2010) No Brasil, 76% dos crimes contra a mulher acontecem dentro de casa e o agressor é o próprio marido ou companheiro, a violência doméstica custa para o país 10,5% do seu PIB, ou seja, 84 bilhões de dólares. Apesar dos índices mencionados existe uma conspiração do silêncio que cerca essa violência e isso impede que dados quantitativos e qualitativos possam melhor revelar a magnitude desse fenômeno que é considerado uma espécie de território fora do alcance da lei.

#### 4.2 Os Tipos de Violência Doméstica Sofrida Pelas Mulheres e a Dominação do Agressor

As mulheres sofrem as mais variadas formas de violência, violência física, moral, sexual, patrimonial, psicológica entre outras. E para cada violência um tipo de ação considerada prejudicial para as vítimas. DURKHEIM (2005) emerge, no campo da sociologia na compreensão do crime como fato social normal por ser característico de todas as sociedades, em vários trechos de sua obra faz relação entre o crime e a sociedade.

No Brasil, foi criada lei maria da penha, para reprimir a violência familiar ou doméstica contra as mulheres como crime e com regulamentações específicas. No Art.7º da lei Maria da Penha,<sup>1</sup> nº 11.340\2006. Lista-se, como formas de violência doméstica e familiar contra mulher, entre outras:

I - A violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II -A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto - estima ou que lhe prejudique ao pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações , comportamentos , crenças e decisões, e mediante ameaça, constrangimento , humilhação, manipulação, isolamento vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização , exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e a autodeterminação ;

III A violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar , a manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação , ameaça, coação, ou uso da força que a induza a comercializar ou a utilizar , de qualquer modo , a sua sexualidade que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, a gravidez,

---

<sup>1</sup> A lei faz referência a Maria da Penha Fernandes que foi vítima de violência doméstica, sofreu duas tentativas de assassinato por parte do seu companheiro e conseguiu sair do ciclo da violência e se tornou uma bandeira de luta que resultou no nome da lei de enfrentamento a violência doméstica e contra mulher.

ao aborto ou á prostituição, mediante coação, chantagem suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos.

IV -A violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V -A violência moral entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.(BRASIL, 2015, pag.16,17)

Conforme a delegada entrevistada a respeito dos tipos de violência:

Aqui chegam queixas diversas, para cada violência um tipo de ação, agressões físicas, ameaças, xingamentos entre outras, de forma que, as demais violências acabam se tornando violência psicológica antes e depois do crime, porque o agressor antes de bater “constrange, humilha e insulta, depois que bate ainda ameaça” então pode-se dizer obviamente que a violência mais presente é a psicológica sem dúvida. Porém esta violência não é vista só se sabe se a mulher fazer a denúncia, e dá uma investigação maior pra resolver quando o agressor contradiz a vítima, neste caso deve ter testemunha e provas.(Delegada, pesquisa decampo, 2019)

Nota-se que, violência psicológica tem caráter imperceptível e patológico é a mais difícil de perceber e também de curar, muitas mulheres sofrem esta violência e não expõe é uma violência fora do palpável, as mulheres carregam esses traumas praticamente por toda vida, convivendo com o medo e a baixa auto - estima.

A magnitude do trauma não guarda proporcionalidade com o abuso sofrido. Feridas do corpo podem ser tratadas com êxito num grande número de casos. Feridas da alma podem, igualmente, ser tratadas. Todavia, as probabilidades de sucesso, em termos de cura, são muito reduzidas e, em grande parte dos casos, não se obtém nenhum êxito. (SAFFIOTI, 2011, Pág. 19)

Os relatos a seguir demonstram as violências vivenciadas pelas mulheres que contribuíram como participantes deste estudo.

**QUADRO 4:** Mulheres que Contribuíram com relatos para este estudo

Nº de mulheres <sup>13</sup>	Tipos de violência
Esmeralda	Violência física e psicológica
Rubi	Violência psicológica e física
Ametista	Violência psicológica e física
Jade	Violência psicológica e física
Safira	Violência psicológica e física
Turquesa	Violência psicológica e física

Pérola	Violência psicológica
Ágata	Violência psicológica e física
Fluorita	Violência psicológica
Lazuli	Violência psicológica e física
Turmalina	Violência psicológica
Cristal	Violência psicológica e física
Alexandrina	Violência psicológica e física

Fonte: pesquisa de Campo (junho\ 2019)

(Esmeralda)<sup>2</sup> meu marido me agride com palavrões e ameaças todas as vezes que bebe e em algumas vezes me deu tapas quando eu tentava responder a altura os insultos que ele me fazia. Depois pedia desculpas e prometia não fazer mas, então eu resolvia perdoar, mas desta última vez ele passou dos limites me dando socos e chutes, estou fisicamente machucada e psicologicamente destruída, não sei o que fazer estou confusa, dependendo dele financeiramente é ruim com ele e será pior sem ele.

Neste sentido MALDONADO (1997) aponta que o silêncio faz parte do próprio vínculo afetivo entre vítima e agressor, e é comum que além do medo e da revolta, a vítima sinta pena e esperança que a agressão não se repita, na mistura de sentimento muitos agressores, fora dos momentos de descontrole são atenciosos e carinhosos.

SOARES (2005) destaca que, após ter praticado a violência física, o agressor demonstra remorso e medo de perder a companheira. Ele pode garantir qualquer coisa, pedir perdão, comprar presentes para a parceira e demonstrar sentimento de culpa e paixão, garante que jamais voltará a agir de forma violenta. Diante disso ele se torna novamente o homem por quem um dia ela se apaixonou.

SAFIOTTI (1987) “acrescenta que, a subordinação da mulher fortalece a supremacia masculina, mulher dócil é contrapartida do macho forte, mulher que se sente inferior dá lugar ao macho superior”. Nos mais variados depoimentos de mulheres é relatado os traumas que carregam dias, meses e anos de suas vidas, as dores e momentos de medo e pânico vivenciado pelas vítimas.

(Rubi<sup>3</sup>) meu marido começou a me agredir a cinco anos com empurrões, xingamentos e palavrões, perdoei muitas vezes antes de fazer a primeira denúncia e quando denunciei ele negou os fatos, como não tinha marcas simplesmente não teve punição para ele porque não tinha provas nem testemunhas, pois acontecia dentro de casa quando estávamos sozinhos, após algum tempo me agrediu novamente foi quando ele me bateu e me deu um tamanho soco que quebrou meu maxilar, registrei uma nova denúncia e foi só

<sup>2</sup> Esmeralda, vive em vulnerabilidade social recebe apoio do CRAM, onde é acompanhada no processo de superação da violência.

<sup>3</sup> Rubi, foi vítima que conseguiu sair do ciclo da violência, recebe apoio CRAM, onde foi acolhida no processo de auto ajuda e superação.

ai que ele foi punido, isso foi terrível, fiquei internada até me recuperar, mas até hoje carrego comigo a tristeza e o medo de tudo que vivi.

Percebe-se que o silêncio e a falta de marcas visíveis da agressão no registro de uma denúncia, ainda é um dos fatores que contribuem para o avanço da violência, nestes casos a denúncia não tem tanta validade pois não tem marcas apenas acusações.

Na esfera privada, todavia, obscurecida pela invisibilidade, muitos homens se comportam violentamente, contando com a mudez da companheira dominada, e se esta denuncia-la com ao auxílio de sua ilibada reputação se não houver marcas corporais, e finalmente com a impunidade. Desta sorte nunca, se reconheceu a magnitude da violência praticada, pois no dia em que todas as mulheres vítimas de desrespeito e seus direitos humanos estiverem dispostas a denunciar seus agressores terá sido destruída a falocracia. (SAFFIOTI, 1994, pag.163)

SAFFIOTI (1987) ressalta que os valores negativos como fragilidade, resignação e emoção associados a mulher, torna a mulher incapaz de usar a razão pra lutar contra as adversidades violentas, visto que é insegura e isso é algo que a mulher traz desde a infância e diante disso só consegue agir com a emoção.

(Ametista)<sup>4</sup> namoramos a três anos ele era uma pessoa maravilhosa, depois de algum tempo percebi mudança nele e também descobri através de uma amiga que ele estava participando de um grupo de relacionamento no whatsapp, resolvi questionar ele me agrediu não só com palavras grosseiras mas também me deu um tapa no rosto.

Relatos como este também foram encontrados na fala de Jade.

Percebi que ele fazia parte de um grupo de relacionamento no facebook, achei mais conveniente conversar de que brigar, mas quando cheguei no momento pra conversar, ele me surpreendeu com empurrões e humilhações coisas que ele nunca havia feito, tenho um filho dele e dependo dele financeiramente, não sei o que fazer tenho medo de ficar sozinha. (Jade)<sup>5</sup>

Com a globalização os avanços tecnológicos além da utilidade em alguns aspectos têm trazido mudanças e também conflitos até mesmo nas relações afetivas. Segundo SILVA (2010) a tecnologia como fonte de informação também habilitou a violência, esta não é mais privilégio das grandes cidades a prática de crimes com alta dose de inteligência. As novas tecnologias da sociedade da informação disponibilizam o tempo real para todos, inclusive para o crime.

---

<sup>4</sup> Ametista, estudante universitária.

<sup>5</sup> Jade, vive em vulnerabilidade social, recebe apoio do Camuf, junto com o companheiro

Bauman (2004) entende que vivemos num mundo cheio de sinais confusos e tempos líquidos, onde as redes sociais virtuais são fontes de sociabilidades, não são obstáculo para distância e estão propensas a mudar com rapidez e de forma imprevisível. Bauman, ressalta que, relacionamentos e investimentos são coisas que se completam.

(...) Relacionamentos são investimentos como quaisquer outros, mas será que alguma vez lhe ocorreria fazer juras de lealdade às ações que acabou de adquirir? Jurar ser fiel para sempre, nos bons e maus momentos, na riqueza e na pobreza, "até que a morte nos separe"? Nunca olhar para os lados, onde (quem sabe?) prêmios maiores podem estar acenando? BAUMAN, (2004, pag. 29)

Beauvoir (1967) destaca que mesmo que muitos homens se mostrem apaixonados no relacionamento, jamais abdicam do seu poder sobre mulheres, que por muitas vezes acreditam que a demonstração do carinho e da paixão do parceiro será eterna em seu entendimento.

(...) Em certos momentos de sua existência, alguns homens puderam ser amantes apaixonados, mas nenhum há que se possa definir como "um grande apaixonado" nunca abdicam totalmente, mesmo em seus mais violentos transportes; ainda que caíam de joelhos diante de sua amante, o que desejam afinal e possuí-la, anexá-la; permanecem no coração de sua vida como sujeitos soberanos; a mulher amada não passa de um valor entre outros; querem integrá-la em sua existência, e não afundar nela uma existência inteira. Para a mulher, ao contrário, o amor é uma demissão total em proveito de um senhor. (BEAUVOIR, 1967, pag. 411)

Muitas mulheres que sofrem violência, como insultos e palavras grosseiras em muitos casos, não entendem estes gestos como violência contra elas e desta forma a violência se intensifica até chegar a uma agressão física.

(Safira)<sup>6</sup> discutimos muito, por ciúme não posso conversar com amigos qualquer amigo que conversa comigo ele diz que é meu macho e não posso visitar ninguém da minha família que ele se impõe, fala uns palavrão tudo é motivo pra confusão, mas até nessa parte ele não era violento , mas um certo dia brigamos ele avançou em mim e me apertou meu pescoço e quase me mata estrangulada, só não me matou porque foi socorrida pelo vizinho.

Neste sentido, as vítimas não conseguem perceber a violência praticadas contra ela fora das vias de fato e acaba fortalecendo ainda mais a supremacia e dominação masculina. Bourdieu (2002) define a dominação masculina como uma violência simbólica, imperceptível a suas

---

<sup>6</sup> Safira, recebe auto - ajuda do Cram, e vive sob medida protetiva .

próprias vítimas está na forma de entendimento de como se ver os fatos e acaba por entender a violência como algo natural e desta forma acaba legitimando a violência que acontece na prática.

Neste sentido, muitas mulheres que sofrem a violência por parte de seus companheiros não conseguem reconhecer determinados gestos ou atos como violentos, e com isso a dominação masculina se fortalece e se torna mais presente.

A dominação masculina que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser e um ser percebido, tem por efeito coloca-los em permanente estado de insegurança corporal ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos simbólicos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera “femininas”, isto é sorridente, simpática, atenciosa, submissa, discreta, contidas ou até mesmo apagadas. (BOURDIEU, 2002, pag. 82)

Saffioti (1987) Relata que nos diferentes pontos da relação de dominação masculina não se pode abordar apenas o homem e sim o homem e a mulher visto que não é o homem apenas que faz parte da análise e sim a relação homem mulher como estudo do fenômeno social. Em outra análise de pesquisa Saffioti, (1987) afirma que, não é justo abordar a discriminação contra mulheres e esquecer o homem tanto no processo de reprodução biológica quanto social visto que estes são seres complementares.

(Turquesa)<sup>7</sup> meu marido já me espancou outras vezes, tipo me dava um tapa, um empurrão xingava toda vez que chegava bêbado, depois quando ficava bom, me agradava se desculpava e eu acabava cedendo e não denunciava, da última vez ele passou do limite me espancou até tirar sangue de mim. Para BAUMAN (2004, pag. 23):“Eros move a mão que se estende na direção do outro, mas mãos que acariciam também podem prender e esmagar”.

SAFFIOTI (1995) enfatiza que se os homens praticam e sofrem violências no espaço público e reinam soberanos no espaço privado, como possuidores do uso da força física. O ambiente doméstico é um lugar extremamente violento para mulheres e crianças de ambos os sexos. De forma que, as quatro paredes de uma casa guardam os segredos das humilhações e atos libidinosos graças a posição da submissão da mulher e dos filhos diante do homem e da grande legitimação social da supremacia masculina.

---

<sup>7</sup> Turquesa, recebe apoio do Cram, na superação da violência e recuperação da auto – estima.

(Pérola) <sup>8</sup>perdi as contas de quantas vezes me xingou e me humilhou na frente dos meus filhos, me trata assim tanto em casa quanto em outro lugar. Pode estar bêbado como não é sempre grosseiro, Muitas vezes chorei escondida no banheiro para os filhos não verem. Desta vez eu disse que vinha denunciar e ele disse “se fizer isso pode te considerar uma morta”, mas dessa vez criei coragem e denunciei. Tenho medo do que possa acontecer (chorou)

As agressões praticadas contra a mulher no espaço familiar, torna por incentivar os filhos serem futuros reprodutores dessa pratica abusiva. (SAFFIOTI, 1987) afirma que, no poder de dominar a mulher o homem acaba atingindo e amputando na grandeza mais regozijada, a troca afetiva transmitindo aos filhos.

De acordo com esse pensamento (WHITAKER, 1988) acrescenta que é junto da família que as pessoas crescem e adquirem valores a respeito do mundo e das atitudes que se deve assumir em relação a ele, essas valorações são transmitidas através da afetividade, princípios e de sentimentos considerados nobres e principalmente das expectativas de comportamento.

MINAYO (2011) reforça o entendimento da reprodução cultural, destacando que, a violência na família constitui um dos grandes problemas para crianças e jovens, que estes são vulneráveis e, muitas vezes, serão os reprodutores dessa situação. A violência que ocorre no seio da família, sobretudo a violência conjugal, é um problema universal, considerada anti valor de longa duração, de difícil solução. Sua base é o patriarcalismo, fundamentado num sistema cultural pelo qual o homem adulto é o imperador da casa, e todos os demais mulher, filhos e agregados são seus súditos.

Nota-se que, as violências praticadas dentro dos lares tendem a problematizar psiquicamente a mente daqueles que presenciam o ato, e posteriormente podem levar pra sempre em suas mentes como um processo normal aprendido e conseqüentemente venha a ser reproduzido. “Rigorosamente, os seres humanos nascem machos e fêmeas. É através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres”. (SAFFIOTI,1987, Pag.10)

Em semelhança ao pensamento de Saffiot, (BEAUVOIR, 1967) afirma que, “ não se nasce mulher torna-se mulher”. Destaca que não são os desígnios biológicos, psíquicos, econômicos que definem a forma que a fêmea assume na sociedade e sim o processo de desenvolvimento cultural que elabora o produto intermediário entre o macho e a fêmea.

Segundo LARAIA (2001) o comportamento dos indivíduos depende do aprendizado, e associa este aprendizado a um uni processo denominado endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma

---

<sup>8</sup> Pérola, recebe ajuda do Camuf, e faz acompanhamento psicológico.

educação diferenciada. enfatiza que o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. Saffioti (2011) reforça que, contudo, o condutor mais amplamente emitido da violência de gênero caminha no sentido homem contra mulher, tendo o machismo como caldo de cultura.

(Ágata)<sup>9</sup> quando ele chega em casa , já vem brigando desde a porta, ele dá dois toques eu já tenho que abrir, porque se eu não for logo ele já grita , não tá ouvindo eu bater idiota e quando eu abro já vem empurrando a porta em cima de mim. É difícil viver assim, hoje me agrediu com um chute, tô aqui na delegacia pra denunciar, mas. penso muito nos meus filhos porque não tenho trabalho só quem trabalha é ele.

A falta de emprego é um dos fatores que contribui para o crescimento da violência dentro das relações, muitas mulheres se submetem as humilhações que acontecem na relação conjugal pelo motivo de não ter trabalho e por desejarem criar os filhos junto ao pai. MALDONADO (1997) discorre que, a extrema pobreza, miséria e desemprego são fatores que contribuem profundamente para as desigualdades sociais e o crescimento da violência.

O desemprego acelera o crescimento da violência, mas, esta pratica, acontece independente deste fator. Para Saffioti (1987) “o fenômeno da subordinação da mulher perante o homem vai além da pobreza e da miséria, atravessa todas as classes sociais, assim como se legitima em todas as religiões”.

SAFFIOTI (1995) reafirma que, este caráter de violência de gênero desconhece quaisquer fronteiras, cultura e qualquer que seja o nível de economia e pode ocorrer tanto no espaço público quanto no privado e acontece com mulheres de qualquer idade praticado por estranho ou por parente. E reitera. “O poder do macho, embora apresentando várias nuances, está presente nas classes dominantes e nas subalternas, nos contingentes populacionais brancos e não-brancos” (SAFFIOTI,1987, pag.16)

(Fluorita)<sup>10</sup>quando conheci ele , ele era a pessoa mais amável que já tinha visto, amoroso, companheiro e parceiro, achei que tinha encontrado a pessoa mais perfeita da minha vida, hoje me sinto a pior pessoa do mundo, sou humilhada por ele, me trata mal quase que todo dia com xingamentos e empurrões e ameaças, sempre fui boa com ele faço tudo pra agradar e só ganho grosseria e hostilidade da parte dele.

---

<sup>9</sup> Ágata, recebe apoio psicológico no Cram, na superação da violência

<sup>10</sup> Fluorita, recebe ajuda do Cram, vive em vulnerabilidade social.

Algumas mulheres resistem as humilhações e os mal tratos tentando manter a relação afetiva com seus companheiros, por não aceitar e o fim do relacionamento e acreditar na mudança do comportamento do homem, buscando resgatar o amor infinito que um dia acreditou existir pra sempre. (BAUMAN, 2004) compara a relação afetiva como duas faces opostas e imprevisíveis, de modo que, amar e morrer não se aprende, acontece.

(...) Não se pode aprender a amar, tal como não se pode aprender a morrer. E não se pode aprender a arte ilusória inexistente, embora ardentemente desejada de evitar suas garras e ficar fora de seu caminho. Chegado o momento, o amor e a morte atacam, mas não se tem a mínima ideia de quando isso acontecerá. Quando acontecer, vai pegar você desprevenido. Em nossas preocupações diárias, o amor e a morte aparecerão a partir do nada. BAUMAN (2004, pag. 17, 18)

O medo faz parte de um dos fatores que também aterroriza a mulher quando pensa em fazer a denúncia. As medidas protetivas como um dos mecanismos legais tomados para impedir o agressor de novas agressões nem sempre tem êxito, muitos homens não desistem da mulher, e se acham no direito de agredir, coagir e ameaçar quando estas já não querem, mas o relacionamento.

(Lazuli)<sup>11</sup> ele me chama de infeliz, idiota, imbecil de tudo que é ruim e ainda me bate, me ameaça e diz que eu mereço apanhar, que a culpada sou eu, quer entrar em casa a hora que ele quiser e que eu devo abrir a porta na hora que ele quiser, já foi tomada medida protetiva mas nem assim ele desiste não aceita o fim e ainda grita se eu tiver outro me mata. sinto medo de denunciar de novo e ele me encontrar e cumprir o que ele falou “me matar”.

Para SAFFIOTI (1995) A violência doméstica apresenta características específicas. Uma das mais relevantes é sua rotinização, e isso contribui, fortemente, para a dependência e o estabelecimento da relação fixada. Rigorosamente, a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. De modo que, o próprio gênero acaba fortalecendo: o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem.

Saffioti, Reforça que:

As relações de violência são tensas e quase caminham para o lado negativo dentro de um processo escalado: começa com agressões verbais, físicas ou sexuais e podendo chegar a ameaça de morte e até mesmo ao homicídio. Mas o êxito do agressor depende das reações da vítima. SAFFIOTI (1995)

---

<sup>11</sup> Lazuli, vive sob medida protetiva e recebe apoio do Cram na superação da violência.

(Turmalina) <sup>12</sup>depois de separados há mais de 3 anos, ainda tenho. audiências sobre ameaças com armas. E ainda fico me fazendo perguntas, porque eu aceitei? porque eu deixei? eu era agredida na frente de minhas filhas, e me pergunto porque deixei acontecer isso com elas? e isso me deixa muito perturbada e mal. Não sei responder porque aconteceu. Sequelas psicológicas são muitas, hoje tenho todo cuidado ao andar nas ruas, volto minha atenção para as marcas e placas de carros, nunca deixar que ele me veja com alguém, não sei até quando , não sei se tudo isso vai acabar, perdi meu carro pra ele e hoje ando de ônibus.

No que concerne à violência psicológica (SAFFIOTI, 2011) destaca que, a violência física cometida contra o corpo por empurrões, socos, ponta pés, tapas são mais fáceis de superar mas, a violência psicológica como humilhações, opressão e ameaça pois o resultado desta, fere a alma e causa uma dor e perturbação muito profunda de difícil cura.

(Cristal) <sup>13</sup>foi um relacionamento abusivo desde a época de namoro , foram 6 anos, no início foram insultos empurrões, depois com o passar do tempo teve meu primeiro filho e as agressões ficaram mais intensas, foram tapas, cintadas, chutou minha barriga e chegou a jogar uma moto em cima de mim. Dizia que eu era culpada de tudo, era muito ciúme da parte dele, era muito possessivo e eu acabava as vezes me sentindo culpada. Gostava dele e esperava que ele mudasse queria ter uma família completa, mas não deu certo.

O agressor pratica vários atos violentos contra a mulher vítima, e o culpa pela violência que ele próprio desfere deixando-as mais vulnerável e impotente para se defender e denunciar as agressões.

Saffioti, argumenta que:

(...) As mulheres são culpabilizadas por quase tudo que não dá certo. Se ela é estuprada, a culpa é dela, porque sua saia era muito curta ou seu decote, ousado. Embora isto não se sustente, uma vez que bebês e outras crianças ainda pequenas sofrem abusos sexuais que podem dilacerá-las, a vítima adulta sente-se culpada. Se a educação dos filhos do casal resulta positivamente, o pai é formidável; se algo dá errado, a mãe não soube educá-los. Mais uma vez, a vítima sabe, racionalmente, não ter culpa alguma, mas, emocionalmente, é inevitável que se culpabilize. (SAFFIOTI, 2011, pág. 63)

BOURDIEU (2002) reitera que, quando os dominados tomam para si aquilo que os domina, como o produto da dominação do outro a vítima acaba reconhecendo sua submissão

---

<sup>12</sup> Turmalina, é militar e universitária faz tratamento psicológico.

<sup>13</sup> Cristal, é militar e professora saiu do ciclo de violência, mas não consegue superar o trauma.

alicerçada em seus pensamentos e percepções de acordo com as estruturas da relação de dominação.

É notório que nas relações afetivas, conflitivas de homem e mulher a dominação está atrelada ao poder do mais forte, um poder de cunho político. Segundo Whitaker (1988) as relações sociais por mais afetiva que sejam, tem sempre um caráter político, visto que envolve manifestações de poder. Para Weber (2002) “o significado de poder e sociologicamente amorfo, onde as qualidades concebíveis de uma pessoa e de todas as circunstancias concebidas podem pôr alguém numa condição na qual possa ordenar obediência a sua vontade”.

Whitaker (1988) reitera que, poder político e exercido sobre pessoas, e as relações na família são relações de poder. Filhos menores são submissos aos pais, e na medida que crescem vão ganhando parcelas de poder podendo abandonar os pais, mulheres são submissas ao poder do marido na esfera do amor e do ciúme e apesar das mudanças que ocorrem no plano jurídico são subordinadas a eles na esfera social. Minayo (2006) afirma que, a violência contra mulher sempre está relacionada a relações de poder.

(...) violência contra a mulher para ser entendida precisa ser vista sob a perspectiva de gênero. Gênero diz respeito a relações de poder e à distinção entre características culturais atribuídas a cada um dos sexos e a suas peculiaridades biológicas. As características de gênero se fundam na hierarquia e na desigualdade de lugares sexuais. (MINAYO, 2006, pag. 94)

Nesta perspectiva, entende-se que a violência de gênero está atrelada na hierarquia da desigualdade entre homens e mulheres onde a mulher é vista inferior ao homem superior por uma sociedade culturalmente sexista.

(Alexandrina)<sup>14</sup> vivemos juntos por quatro anos, tivemos uma linda filha , eu jovem ele jovem 25,27 anos , ele começou a sair e postar foto com mulheres na balada, curtia e comentava fotos de outras mulheres , eram muitas brigas ele me batia e eu batia ele, durante um grande período eram: uns dias bem, outros só briga. Até que um dia separamos, e ele continuou nas baladas e eu também comecei a sair e postar minhas fotos com amigos e ele não gostou e tentou me matar, me enganou a ponto de meus olhos pular em, fui socorrida por pessoas que estavam no local. isso foi um dos casos que repercutiu em 2017, denunciei, o processo continua tramitando mais, sinto medo dele me matar.

Nota-se que, nos relacionamentos conflitivos e violentos, entre o medo e a coação algumas mulheres tendem em reagir as agressões proferidas contra elas. “Em um

---

<sup>14</sup> Alexandrina, tem trabalho autônomo faz acompanhamento no Cram, no processo de acolhimento e superação da violência.

relacionamento violento, as agressões femininas, geralmente, costumam ser de auto defesa”. (MINAYO, pag. 118).

De acordo com Soares (2005) Em alguns fatos as agressões tanto físicas como verbal podem ser praticadas tanto pelo homem quanto pela mulher, por terem dificuldade de expressar seus sentimentos de forma respeitosa e civilizada. Estas são as características das relações de conflito. mas o que sustenta essa violência não é a desigualdade de poder. O que acontece, nos casos de conflito, é que a relação de amor acaba se transformando numa espécie de ringue de lutas e competições recíprocas.

Soares (2005) reitera que, embora com menos frequência, em alguns casos é a mulher quem pratica a violência física ou emocional, infernizando a vida do parceiro ou da parceira do mesmo sexo. Desta forma, entende-se que a violência de gênero pode partir tanto do homem quanto da mulher, visto que a violência só acontece dentro das relações sociais.

#### 4.3 As Causas e Consequências da violência sofrida pelas mulheres

As violências praticadas contra as mulheres possuem causas e consequências diversas, ciúme, consumo de álcool, a não aceitação do fim do relacionamento, comportamento controlador, desemprego desestrutura da família entre outros.

(...) Os homens agressores geralmente apresentam um perfil de consumo de álcool e drogas, transtornos de personalidade, ciúmes patológicos, descontrole do sentimento de raiva, dificuldade de comunicação, baixa auto - estima, concepções distorcidas sobre o papel da mulher e sobre o relacionamento, resultando em ausência de habilidades para a resolução de conflitos. (MINAYO, 2011, pág. 118)

Neste aspecto, nota-se que o agressor não se restringe a um único perfil para praticar agressões é muito relativo o comportamento de cada um, mas na relação violenta todos usam de superioridade e autoritarismo para coagir e agredir suas vítimas.

Nos depoimentos apresentados pelas vítimas que chegam até aqui na delegacia as causas são: consumo de álcool ou outras drogas, ciúme, infidelidade, o desemprego também é um fator bastante mencionado pelas vítimas, porque falta recursos financeiro e isso acaba gerando uma discussão e posteriormente as agressões. mas o consumo de bebidas alcoólica é o mais frequente, a não aceitação do fim relacionamento também, inclusive os casos de feminicídio que tem ocorrido e pela não aceitação do fim do relacionamento. (DELEGADA, pesquisa de campo junho\ 2019)

A violência traz como consequência inúmeras manifestações, marcas visíveis, dores, opressão, baixa auto-estima, depressão e até a mais grave situação como o suicídio e homicídio. “à violência não é só uma é múltipla” (MINAYO, 2006, pag.13) esta autora aponta que, a violência, em si, não é propriamente um assunto da área de saúde, mas acaba se tornando porque acarreta lesões, traumas, mortes físicas e emocionais.

Para MINAYO (2006) A mulher vítima de violência no espaço conjugal, tem sido um dos maiores alvos da atuação dos movimentos feministas, no decorrer dos últimos cinquenta anos passou a ter buscado banir toda forma de violência contra mulher. E até aqueles velhos ditos como “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher” passaram a ter visibilidade social.

Segundo SILVA (2010) A violência pode acontecer de maneiras diferentes, mas até em suas formas leves ela se manifesta na dominação de um gênero sobre o outro. A violência contra a mulher tem outro aspecto, na maioria das vezes a gravidade da violência é o fim da linha de uma situação permanente, enganadora, que aos poucos vai enfraquecendo a defesa das vítimas até deixá-las completamente à mercê do agressor, sem condições até de pedir ajuda.

Para SILVA (2010) o resultado da violência contra a mulher, os maus-tratos, as humilhações, as agressões físicas, sexuais e psicológicas, é depredador sobre a sua auto-estima. O medo que elas sentem frequentemente e a insegurança é muito grande, pois nunca sabem o que poderá desencadear a fúria do agressor, a vergonha diante dos familiares e dos vizinhos, provocam ansiedade, depressão, dores de cabeça constantes.

MALDONADO (1997) Argumenta que, setores de emergência de hospitais são os que mais constataam consequências de violência tanto do ambiente público quanto do privado, pessoas espancadas, fraturadas, ferimentos leves e graves decorrentes de assaltos e brigas. A violência dentro dos lares leva aos hospitais milhares de mulheres e crianças espancadas, feridas ou traumatizadas devido estupros, incestos e maus-tratos, incluindo idosos da família.

Pesquisadores da universidade de Ohio, Estados Unidos, realizaram trabalhos para medir os efeitos nocivos sobre saúde causados pelas interações negativas em um casal. Assim viu-se que a saúde é afetada de duas maneiras: de modo indireto, já que o desgaste conjugal leva a um estado depressivo, e a depressão altera os sistema imunológico e por outro lado afeta diretamente o sistema imunológico e, por outro lado, afeta diretamente o sistema cardiovascular, endócrino, imunológico e outros mecanismos fisiológicos. (FAUR, 2013, pag.116)

A violência também é prejudicial em outras áreas da vida tanto da vítima que sofre a violência quanto daqueles que presenciam e convivem no ambiente onde é praticada a violência.

MINAYO (2011) ressalta que, a prática de violência física entre os pais reflete no comportamento dos filhos, estudos mostram que crianças expostas a esse tipo de violência estas sofrem a influência de manifestarem problemas comportamentais, agressividade exacerbada e dificuldades em cumprir regras sociais.

MINAYO (2011) acrescenta que, algumas situações violentas estão relacionadas a violência cultural, devido algumas noções enraizadas na vida social propiciarem o surgimento de relações interpessoais violentas. Denomina-se tal fenômeno de violência cultural porque trata-se de algo naturalizado e internalizado no dia a dia de uma sociedade.

Para WITAKER (1988) as culturas são a grosso modo, guias de ação e programações artificiais para a vida dos seres humanos e variam interminavelmente no tempo e no espaço. Se uma criança for tirada de um grande país com costumes e hábitos sofisticados das grandes cidades que seja a sua origem, após o nascimento e for criada em uma tribo indígena, esta assimilará a cultura do grupo em que ela for socializada.

WITAKER (1988) acrescenta, que a família é primeira instituição educadora e funciona como correia de transmissão do sistema, mas amplo. É na família que são construídos os moldes, os modelos fechados que podem até ser rígidos, mas sempre modelo, nos quais se encaixam tanto meninos quanto meninas.

Ao fazer uma análise em três culturas diferentes MEAD (2000) advoga que, personalidade e comportamento não são definidos pelo gênero e sim pela cultura, podendo ser desenvolvidas de maneiras diversas. A falta de correspondência entre a constituição temperamental e o papel que a cultura lhe atribui, repercute na vida do indivíduo que nascem com temperamento esperado e adequado.

(...) considerado a posição do menino naturalmente dotado de comportamento agressivo dominador e educado na crença de que é de seu papel masculino dominar mulheres submissas. E treinado a reagir ao comportamento receptivo em outrem com uma demonstração de agressividade consciente. (MEAD, 2000, pag. 289)

Neste sentido Mead, demonstra o potencial de como as culturas influenciam nos papéis sociais de homem e mulher, apontando que os indivíduos desenvolvem comportamentos que são aprendidos numa determinada sociedade. Conforme MALDONADO (1987, pag.7) “impasses e conflitos surgem, inevitavelmente, nos relacionamentos humanos, porque brota das próprias diferenças de temperamento, desejos, necessidades e valores que existem entre pessoas”.

Para MINAYO (2011) as formas de pensar, sentir e agir de uma sociedade, são agregadas pela cultura por meio da socialização, da cooperação e da repetição das ações. Toda cultura tende a adotar como certos alguns comportamentos e práticas e repulsar outros.

Para crianças e adolescentes, viver em uma família ou em uma comunidade violenta se constitui em aprendizado sobre como se comunicar e sobre como agir nas relações cotidianas que sempre exigem enfrentamento e tomada de decisões. As experiências permanentes de situações agressivas se traduzem no estímulo a relacionamentos conflituosos e no aprendizado do uso da violência para obter poder e para amedrontar os outros. (MINAYO, 2011, pag.153)

Desta forma, compreende-se que a violência é um processo aprendido no seio da sociedade colocado em foco comportamentos observáveis e posteriormente reproduzidos dentro de uma ordem cultural .

#### 4.4 As Reincidências da Violência Doméstica.

Na violência doméstica, a grande maioria dos casos são reincidentes quando a vítima chega a fazer a denúncia já sofreu a violência outras vezes, esse silêncio só fortalece a dominação do homem sobre a mulher e em alguns casos pode chegar até ao feminicídio.

De acordo com SILVA (2010) a violência doméstica contra a mulher não se define apenas por aquilo que é visível e que é tipificado no Código Penal. Vai muito além disso. O hematoma, o arranhão e a ameaça que levam a mulher a pedir a ajuda são, não raras vezes, são meramente uma parte do problema. Por trás dessas revelações pode haver: um risco real e iminente de homicídio; meses, anos ou décadas de abusos físicos, emocionais ou sexuais; um medo excessivo que deprime e paralisa a vítima; uma longa história que envolve pequenos atos, gestos, sinais e mensagens subliminares, empregados, dia após dia, para manter a vítima sob controle.

Conforme SOARES (2005) Ainda na sua forma típica, a violência doméstica contra a mulher envolve atos repetitivos, que vão se acentuando, em frequência e intensidade, como opressão, humilhação, ameaças e agressões físicas e sexuais variadas. Além do medo constante, esse tipo de violência pode resultar em danos físicos e psicológicos duradouros.

A violência doméstica tem causas e consequências diversas e não se restringe a um único fator. Não tem uma origem própria, mas é necessário resistir e insistir na luta buscando estratégias visando o fim dessa problemática.

Muitos homens agredem suas mulheres sem apresentar quaisquer desses problemas. A violência doméstica é um fenômeno tão generalizado que não basta procurar suas origens nas perturbações individuais. É preciso que nos perguntemos por que esse fenômeno encontra um terreno tão favorável para se manifestar e por que encontra tão pouca resistência para continuar a se reproduzir? (SOARES, 2005, pag. 37)

Observa-se que a violência doméstica não tem um perfil único de agressores , pois esta é praticada em inúmeras circunstâncias pelo agressor, usuário de drogas lícitas e ilícitas, por questões financeiras, por ciúmes, pela não aceitação do fim do relacionamento entre outras situações, assim como as consequências se estendem das mais brandas as mais graves situações, como dores, lesões, mal estar, depressão, feminicídio e até mesmo ao suicídio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado visou demonstrar a disparidade do crescimento da violência doméstica na cidade de Macapá como um problema social que tem causa da preocupação, indignação e uma luta de enfrentamentos contra esta problemática. Verificou-se um índice bem elevado de mulheres que sofreram violência doméstica nos últimos anos na cidade de Macapá, que se tornou pauta para debates e gerou preocupação aos centros de apoio juntamente com outras instituições a criar estratégias e unir forças para mobilizar contra esta causa.

Notou-se, que a violência, mas frequente contra as vítimas é a violência física e a violência psicológica como foi possível perceber tanto nas falas das mulheres vítimas, quanto nas falas dos gestores e agentes sociais que trabalham nas instituições de apoio ao combate e prevenção da violência doméstica que contribuíram com esse estudo. Mas outros tipos de violência também acontecem porem em nível bem menor. Verificou-se também que tanto os agressores quanto as vítimas não tem um único perfil, estes e estas podem ser de qualquer classe social, pobre, rico, classe média, branco, negro, com vícios ou sem vícios.

Nos relatos das protagonistas e dos gestores sociais, constatou-se que as causas da violência acontecem de maneiras diversas, por ciúmes, problemas com drogas lícitas e ilícitas, não aceitação do fim do relacionamento, questões financeiras, entre outras. Assim também as consequências ocorrem em inúmeras situações como, lesão corporal, depressão, dores de cabeça, mal-estar, problemas cardíacos, baixa auto-estima, e até mesmo o suicídio. Assim como pode levar a morte em outras circunstâncias quando a vítima fica sem chances de defesa como muitos casos que chegam ao feminicídio.

Verificou-se que os enfrentamentos organizados no combate e prevenção a violência doméstica e contra mulher traz para a sociedade um reflexo de repulsa da violência cada vez mais latente na consciência das pessoas, por isso é importante e necessário o engajamento de uma luta coletiva no âmbito social, que de fato combata este mal que assola inúmeras mulheres em Macapá.

Observou-se que muitas medidas estratégicas são tomadas para romper a prática da violência doméstica, como a criação da lei Maria da Penha, a delegacia especializada de mulheres, os centros de acolhimento e outras instituições aliadas, que promovem os enfrentamentos dando apoio e incentivo ao empoderamento da mulher vítima e apresentando a sociedade projetos, campanhas e manifestações para redução da violência contra mulher, ainda assim a violência continua crescendo em ritmo bem acelerado.

Diante da problemática a que o estudo se propôs entender: porque diante da proteção da lei Maria da Penha e dos muitos enfrentamentos e informações de seus direitos, muitas mulheres permanecem sendo vítimas da violência praticada por seus parceiros? explica-se, que as mulheres continuam sofrendo a violência por diversos fatores: entre eles estão filhos dependentes, dependência financeira do companheiro, sentimento de desvalia pessoal, medo de represália ao fazer a denúncia, por vergonha da família e amigos, por esperar e acreditar na mudança do comportamento do agressor, por medo de ficar sozinha, medo de ser morta pelo agressor e outros diversos fatores.

Foi possível concluir que, mesmo com os projetos, campanhas e muitas mobilizações por parte dos enfrentamentos contra a violência doméstica, muito ainda necessita ser feito para mudar o cenário da desigualdade social e a discriminação entre homens e mulheres, para conter e coibir esta violência. Esta problemática carece de um rigor maior da lei que ampara mulheres vítimas, de mais políticas públicas por parte do estado, e da união de todas as classes sociais no mesmo propósito de consciência e luta, de que as mulheres tem direitos e deveres de viver sem violência, na persistência de que enquanto houver o machismo coordenando a violência, haverá luta e enfrentamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Jorge P. de. et al. **O que é Violência Social**. Escolar editora, Lisboa, 2014.
- BAUMAN Zigmun. Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos, Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Editora Zahar, 2004.
- BOURDIEU, Pierre 1930-2002, **A Dominação Masculina**, tradução Maria Helena Küner.8ª ed. Rio de Janeiro: Beltrand / Brasil 2010,160 p
- BEAUVOIR, Simone de. **Segundo Sexo II**. A Experiencia Vivida, 2ª edição, tradução de Sérgio Milliet, difusão europeia do livro. São Paulo. 1967
- BRASIL. Lei Maria da Penha (2006). **Lei Maria da Penha e Legislação Correlata**. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2011. 58 p.
- Cláudia Araújo de Lima (Coord.) et al. **Violência Faz Mal Saúde**. Editora, MS – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.Série B. Textos Básicos de Saúde, 298 p
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Ed. Martin Claret, São Paulo, 2005.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Trad. Eduardo Brandão, 2º ed. São Paulo, Martins fontes, 1999.
- FAUR, Patrícia. **Amores que Matam**. Quando um relacionamento Inadequado Pode Ser tão perigoso quanto usar uma droga, 1ª edição, editora L&PM, tradução MarlovaAseff.2013
- HOLANDA, SERGIO Buarque de. **Raízes do Brasil**. Companhia das Letras, 26ª ed. São Paulo 1995.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura Um Conceito Antropológico**. 14 edição, Rio de Janeiro. Editor: Jorge Zahar. Ltda, 2001.
- KERGOATA Daniele, **Divisão sexual do trabalho e Relações Sociais de Sexo**. Marli Emilio (org.), Marilene Teixeira (org.), Mirian Nobre (org.), Tatau Godingo (org.). Coordenadoria Especial da Mulher, 2003, São Paulo, p. 149.
- KERGOATA, Daniele. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. In: HIRATA, H. et al. Dicionário Critico do Feminismo. Editora UNESP, São Paulo, 2009, p. 67-75.
- MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**, editora perspectiva. S.A. 4ª edição. São Paulo -SP- Brasil.2000
- MALDONADO, Maria Tereza. **Os Construtores da Paz: Caminhos da Prevenção da Violência**; ilustração Adolar de Paula Mendes Filho, São Paulo Moderna 1997, coleção polemica.
- MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: Teoria método e criatividade**, MINAYO, Cecilia de Souza, DESLANDES, Suely, GOMES Romeu. Pesquisa Social: Teoria método e criatividade 21ª edição.Petrópolis RJ Vozes ,1994
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2011. 236 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde**. 20 Ed, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. 132p

Ministério Público do Estado do Amapá\ CAOP, Mulher. Promotoria de Justiça de Defesa Da Mulher em Macapá Relatório Estatístico – ano 2018, **A Violência Doméstica e Familiar Contra mulher em Macapá**.

MURTA, Giardini Sheila. RAMOS, L.P Eduardo Carlos, TAVARES, Thauana Nayara G. - CANGUSSÚ, Eudes Diógenes A. - COSTA, Marina S. F. da **Libertando-se de Namoro Violentos: Um guia sobre o abandono de relações amorosas** - Novo Hamburgo: editora Sinopsys.2014

NETO, Ricardo Ferracini. **A Violência Doméstica contra a Mulher e a Transversalidade de Gênero**. 348 p. Ed. Jus. PODIVM Bahia 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. I.B. **O poder do Macho**. São Paulo: moderna, 1987. (coleção polêmica)

SAFFIOTI, Heleieth. I.B. **Gênero, Patriarcado e Violência**, são Paulo 2011.editora Fundação Perseu Abramo

SAFFIOTI, Heleieth. I.B. **Gênero, Patriarcado e Impotência**, Rio de Janeiro 1995.editora. Revinter. Ltda

SAFFIOTI, Heleiet. I.B, VARGAS, Muñoz. Monica. **Mulher Brasileira é Assim**, Rio de Janeiro, editora Rosa dos Tempos: NIPAS, Brasília, D.F: UNICEF,1994.

Sandra Pereira Aparecida Dias, **Um Breve Histórico da Violência Contra Mulher**, disponível em ><https://araretamaumamulher.blogs.sapo.pt/16871.html>. 26 / 01 / 2010. Acessado em 28/10/2019

SANTOS, Reinaldo Cezar Miguel dos. **As Nuances da Violência** - (Fenômenos motivados e seus Reflexos Sociais). Macapá /AP 2004

SOARES, Bárbara M. **Enfrentando a Violência Contra a Mulher**. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Brasília, 2005. Disponível em <http://www12.senado.leg.br/omv/entenda-a-violencia/pdfs>>. Acesso em 07/10/2019.

SILVA, Enio Waldir da. **Sociologia da violência** / Enio Waldir da Silva. – Ijuí-RS. Editora Unijuí, 2010. 92 p. (Coleção educação a distância. Série livro-texto).

Lídia saraiva,**Delegacia de Macapá Registra 3,5 Mil Casos de Violência Contra a Mulher em 2017**, disponível em > <http://igualdadedegenero.com.br>. 16/ 08/ 2019. Acessado em 28/10/2019

PASINATO, Wânia **Acesso à Justiça e Violência Doméstica e Familiar Contra as Mulheres: As Percepções dos Operadores Jurídicos e os Limites para a Aplicação da Lei Maria da Penha**. Rio de Janeiro – RJ – Brasil, revista direito gv, São Paulo. 2015. disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rdgv/v11n2/1808-2432-rdgv-11-2-0407.pdf>> acessado em 04\10\2019

Victor Vidigal, G1 AP — **Macapá, Amapá registra mais de 7 mil denúncias de violência contra mulher em 11 meses**> disponível em:<https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/> acessado em 17\08\2019

WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia**, tradução, Rubens Eduardo Ferreira Frias, 5ª edição. São Paulo, editora Centauro, 2002.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & Homem o mito da desigualdade**. São Paulo, 1988

ZALUAR, Alba. **Da Revolta ao Crime**. S/A. Coleção Polêmica; Moderna, São Paulo, 1996.

ZALUAR, Alba. **A globalização do crime e os limites da explicação local** IN: TAVARES DOS SANTOS. José Vivente Tavares, Violência em tempos de globalização. Hicitec, São Paulo, 1999.